

# I Congresso Brasileiro

## PSICOLOGIA:

Ciência e Profissão

Dar voz aos estudiosos e profissionais que fazem a Psicologia é o objetivo deste evento que está sendo promovido pelo Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira



#### DATA

de 01 a 05 de setembro de 2002

#### LOCAL

Universidade de São Paulo, USP, Cidade Universitária

#### QUEM PODE PARTICIPAR

todas as pessoas interessadas em Psicologia. Espera-se uma grande participação de psicólogos, pesquisadores, professores, estudantes de graduação e pós-graduação, além de profissionais e estudantes de áreas afins.

#### QUEM PODE APRESENTAR TRABALHO

qualquer psicólogo, pesquisador, professor ou estudante de Psicologia poderá propor a realização de mesas-redondas/simpósios sobre temas psicológicos ou poderá apresentar painel (pôster) com a descrição de trabalho científico ou prática profissional desenvolvida. Além disto, as entidades que pertencem ao Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira também poderão apresentar mesas/simpósios. Pretende-se abrir espaço a todos aqueles que têm alguma comunicação importante a fazer, relacionada com sua prática profissional ou atividade científica.

#### PRAZO PARA RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS PARA MESA-REDONDAS E SIMPÓSIOS

15 de janeiro de 2002

#### PRAZO PARA INSCRIÇÕES DOS TRABALHOS/PÔSTERES

05 de abril de 2002

#### INFORMAÇÕES

no CRP SP ([www.crpsp.org.br](http://www.crpsp.org.br)), no CFP ([www.pol.org.br](http://www.pol.org.br)) e nas demais entidades organizadoras; fichas de inscrição e formulários para apresentação de trabalhos estarão disponíveis a partir de outubro de 2001 na *homepage* do Congresso: [www.apsi.org.br](http://www.apsi.org.br)

#### CUSTOS

	até 05 04 2002	depois de 05 04 2002
profissional	R\$ 80,00	R\$ 120,00
profissional filiado à entidade do Fórum	R\$ 60,00	R\$ 100,00
estudante	R\$ 35,00	R\$ 45,00
estudante filiado à entidade do Fórum	R\$ 20,00	R\$ 30,00

# psi

jornal de psicologia  crp sp

número 130 • agosto | dezembro 2001



a assepsia da morte  
na sociedade contemporânea



02 Editorial

Cartas

Administração

O compromisso do CRP SP é ampliar os investimentos em ações políticas, revertendo em benefícios diretos à categoria.

04 Diálogos

Maria de Lourdes Teixeira: uma trajetória em defesa dos adolescentes que vivem condições de vulnerabilidade.

Opinião

O terrorismo e as "leis do mercado", impostas pelas nações ricas, impingidos ao mundo como a panacéia para todos os problemas.

Mobilização

Projetos de lei querem regulamentar profissões de psicopedagogo e psicanalista: proteste!

Notas

A sociedade de consumo dá nova embalagem à morte e ao ritual do luto, procurando amenizar seu significado.

10 Comportamento

12 Sociedade

Os rituais de luto permitem a concretização e a elaboração das perdas.

Diversidade

Psicóloga Edna Roland, relatora da 3ª Conferência Contra o Racismo, faz balanço do evento.

16 Informática

A invasão do ambiente virtual pelo mercado torna-o impróprio a relações humanas profundas, como a psicanalítica?

Livros

Livro de Jonas Melman dá a palavra aos familiares de pessoas com grave sofrimento psíquico.

Orientação

As dificuldades e possibilidades da Psicologia inserida em equipes multiprofissionais.

Agenda



Conselho Regional de Psicologia SP

Psi Jornal de Psicologia CRP SP é uma publicação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, CRP SP, 6ª Região

Diretoria

Presidente | Ana Mercês Bahia Bock
Vice-presidente | Wanda Maria Junqueira de Aguiar
Secretária | Mariângela Aoki
Tesoureira | André Isnard Leonardi

Conselheiros efetivos

Élcio dos Santos Sequeira; Emília Estivalet; Inêz Guimarães Pistelli; Kátia Rubio; Leliane Maria Aparecida Gliosce Moreira; Elcimara Meire da Rocha Mantovani; Maria da Graça Marchina Gonçalves; Rachel Contrucci Alvim; Rafaela Aparecida Cocchiola; Rogério Izidro Duran; Sérgio Antonio da Silva Leite.

Conselheiros suplentes

Adalberto Botarelli; Ana Gabriela Pedrosa Andriani; Ana Paula Pereira Jardim; Carla Bertuol; Chica Hatakeyama Guimarães; Débora Cristina Fonseca; Ednilton José Santa Rosa; Eliana Aparecida Moura Silveira; Elisa Zanerato Rosa; Fátima Regina Riani Costa Taino; João Bosco Alves de Sousa; Jorge Broide; Maria Jose Medina da Rocha Berto; Marilda Castelar; Vânia Conselheiro Sequeira.

Gerente-geral Diógenes Pepe

Comissão de Comunicação

Coordenador | Sérgio Antonio da Silva Leite
Membros | Inêz Guimarães Pistelli, Kátia Rubio, Rachel Contrucci Alvim, Rafaela Ap. Cocchiola, Elisa Sayeg.

Edição e textos Luís André do Prado (MTb 2212)

Reportagem Cristiano Tsonis

Revisão de textos Claudia Padovani

Fotos Márcia Zoet, Documenta

Projeto gráfico e Editoração Fonte Design (11) 3081 5892

Ilustrações Juliana Migueletto | Gilberto Tomé

Impressão Gráfica Benfica

Tiragem 48.000 exemplares

Periodicidade bimestral

Sede CRP SP

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América
cep 05410-020 São Paulo - SP

tel. (11) 3061 9494, fax (11) 3061 0306

E-mails

Atendimento | atendimento@crpsp.org.br
Diretoria | direcao@crpsp.org.br
Informações | info@crpsp.org.br

Centro de Orientação | orientacao@crpsp.org.br
Administração | admin@crpsp.org.br

Jornal de Psicologia | jornal@crpsp.org.br
Site http://www.crpsp.org.br

Subsedes CRP SP

Assis | tel. (18) 322 6224, 322 3932
Bauru | tel. (14) 223 3147, 223 6020

Campinas | tel. (19) 3243 7877, 3241 8516
Ribeirão Preto | tel. (16) 620 1377

Grande ABC | tel. (11) 4436 4000
Santos | tel. (13) 3235 2324, 3235 2441

São José do Rio Preto | tel. (17) 235 2883, 235 5047
Vale do Paraíba | tel. (12) 3631 1315

Expediente

“Não é que eu tenha medo da morte. Eu apenas não quero estar lá quando isso acontecer.”

Woody Allen, cineasta e escritor, em entrevista.

“Você não pode nos parar. Nós temos o antraz. Você morre agora. Você está com medo? Morte à América. Morte a Israel. Allah é grande.”

Carta anônima com antraz enviada ao senador norte-americano Tom Daschle, FSP, 25/10/2001.

“Osama bin Laden fascina e seduz. Como? Prometendo uma morte bela. Aliás, é sempre com essa promessa que o terror e os fascismos recrutam: quem morrer por nós e conosco morrerá bonito. As elites quase sempre tentam convencer seus oprimidos de que a miséria é bonita (o Brasil conhece bem essa tática). (...) Transformar nossa morte numa apoteose narcisista, numa imagem de grande beleza, é o melhor jeito de negar nossos limites. Bin Laden seduz por ser um maquiador de cadáveres.”

Contardo Calligaris, psicanalista, FSP, 18/10/2001.

“Como qualificar a morte de crianças afegãs (...)? Há outra qualificação que não a de terrorismo? A menos, é claro, que estejamos todos tão embrutecidos que aceitemos “danos colaterais”, a linguagem dos militares, para designar a morte de crianças atingidas pelos bombardeios norte-americanos.”

Clóvis Rossi, jornalista, FSP, 23/10/2001.

“Não se mata, como é óbvio, apenas com um revólver ou com uma bomba. Pessoas morrem porque faltam educação, saúde e alimento, o que acontece, em parte, por causa da omissão, do descaso ou da irresponsabilidade pública. Morte, aqui, tem um significado literal.”

Gilberto Dimenstein, jornalista, FSP, 30/09/2001.

# Continuidade é desafio de aperfeiçoar

Nossa gestão, que teve início no dia 21 de setembro, começa com um desafio: dar continuidade ao trabalho que se desenvolveu, nos últimos três anos, no Conselho Regional de Psicologia SP. Dar continuidade é um desafio porque precisa ser entendido como ir adiante a partir do que se construiu, aperfeiçoando, mantendo, desenvolvendo o que estava em estado embrionário e encerrando o que já se havia concluído. Dar continuidade é um desafio porque é preciso manter o movimento do CRP SP na direção da construção de um futuro para a Psicologia que signifique compromisso com as necessidades da maioria da população brasileira.

Daremos continuidade trabalhando a

partir de cinco eixos temáticos: profissão, movimentos sociais e políticas públicas, comunicação, cultura e inserção no projeto nacional dos Conselhos de Psicologia. Daremos continuidade intensificando a função do Conselho como órgão mediador entre a sociedade e a profissão, garantindo que a Psicologia responda às demandas da sociedade com competência, ética e compromisso; abrindo canais para que a sociedade possa apresentar suas necessidades e fazer suas solicitações à profissão. Trabalharemos guiados por esse objetivo. Daremos continuidade apoiando todas as iniciativas de unir a Psicologia como ciência e como profissão. Abriremos nossas portas para os projetos que reu-

nam esforços no âmbito da Psicologia. Reforçaremos e apoiaremos a construção de um projeto nacional para a profissão, no âmbito dos Conselhos.

A Psicologia é profissão de âmbito nacional e seu desenvolvimento exige um caminhar coletivo, parceiro e conjunto. Daremos continuidade cumprindo nossa obrigação de administrar com transparência e probidade as finanças do Conselho Regional. Temos a certeza de que gerir o CRP SP significa interferir no futuro da Psicologia no Brasil; por isso, nos comprometemos com métodos democráticos e inclusivos de trabalho. Nosso desafio é grande, mas contamos, para enfrentá-lo, com quase 45 mil psicólogos. Ao trabalho!!!

## Cartas

### Ensino médio

❖ Achei muito importante a questão da Psicologia no Ensino Médio (PSI 129). Não que os outros temas não me atraiam e não os ache relevantes. Acredito que se faz necessário situar o ser (no caso o aluno) no mundo, não só fisicamente, mas emocional e sociologicamente, daí a necessidade de ter o olhar voltado para si, também nesses dois momentos tão necessários para a construção de sua identidade enquanto ser social e único. Para tanto, se faz necessária a abordagem da Psicologia: do desenvolvimento, da social, da aprendizagem, e outras que se fizerem necessárias para a formação global do "ser" (aluno) enquanto cidadão. Estou iniciando um projeto com orientação de professores da Unesp sobre "Educadores da Rede Municipal de Ensino X Inclusão: Sob o olhar da Psicologia".

Leni Aparecida Ribeiro, psicóloga e pedagoga, Marília, SP (por e-mail)

❖ In "Jornal da Tarde" (Artigos, 26/09, pág. 2ª), o dr. José Carlos Azevedo, ex-reitor da UnB, causou-me perplexidade e indignação ao publicar o artigo "Sabedoria Inútil". Foi categórico ao afirmar: "O projeto que introduz sociologia e filosofia no curso médio é mais um esforço para acabar com o que resta no ensino médio". Que absurdo... A meu juízo, filosofia, sociologia e Psicologia são a base da cidadania. Excluí-las do ensino médio prejudica a maturação do adolescente. (...) O antigo ex-reitor é autoritário tanto quanto o Provão. Ouçou aplaudir o MEC por sugerir ao presidente - sociólogo - que vetasse o projeto de lei que obriga a ensinar filosofia e sociologia no ensino médio. (...) Fica evidente, mais uma vez, que educação, na realidade contemporânea, não é prioridade. Quando será?

José Geraldo Macedo Meireles, São Paulo, Capital

*O CRP SP apoia a reinserção da Psicologia como disciplina no ensino médio (veja PSI 129/pág. 8) e tem acompanhado o trâmite do projeto de lei nesse sentido do deputado estadual Cândido Vacarezza (PT SP), na Assembléia Legislativa. Também esteve presente no Fórum Mundial de Educação (Porto Alegre, de 24 a 27/10), que reuniu 15 mil pessoas num debate sobre políticas públicas mundiais para uma educação mais qualificada e inclusiva.*

### Crise de valores

❖ Estou perplexa com o rumo que a crise nacional está tomando. Em meio da gravidade de nossa economia e do desemprego, evidencia-se agora uma outra crise, para mim a mais grave e de conseqüências imprevisíveis: a crise de valores que a mídia está reforçando. (...) O caso do seqüestrador X Sílvio Santos obteve a maior audiência deste ano 2001, com repercussão internacional. As reportagens em quase sua totalidade abordaram o fato com leviandade e sensacionalismo. (...) A nossa mídia criou um tipo de distração circense (desculpem-me os trabalhadores dos circos), apresentando com estardalhaço desgraças do cotidiano com alto índice de audiência... (...) Quando o rumo de nossa sociedade se desvia a esse ponto, eu me pergunto: o que faremos?

S. Rosa Martim, São Paulo, Capital

*A perplexidade não é apenas sua, mas de boa parte da sociedade. Lamentavelmente, o sensacionalismo continua orientando uma mídia incapaz de promover a reflexão sobre a violência e suas causas. Devemos rejeitar e combater esse tipo de postura.*

### Site

❖ Adorei saber que temos como receber as notícias de nossa profissão, assim, quantinhas. Parabéns pelo trabalho de vocês, o site está ótimo! Felicidades!

Cleuza Salette de Brito, estudante Unip Capital (por e-mail)

Gostaria de parabenizá-los pelo site, que está muito funcional e esteticamente organizado. Gostei muito.

Maria Elisa Granchi Fonseca, São Paulo, Capital (por e-mail)

Parabéns pelo site. Está bastante bom, contendo informações gerais.

Elena Camara, Capinas, SP (por e-mail)

*O endereço do site PSI/CRP SP*

*www.crpsp.org.br Confira!*

### Canalhice?

❖ Estava lendo algumas folhas de um processo jurídico, que está sendo movido contra minha cunhada, e fiquei espantada com o início desse processo em que está escrito o seguinte: "O magistrado faz parte dos profissionais cuja personalidade tem de ser necessariamente coerente, correta. Não nos basta competência. Um médico pode ser um canalha. Mas nós não. Se não formos autênticos, os homens fugirão da nossa companhia, correrão da nossa amizade, distanciar-se-ão da nossa homenagem. Em resumo, ninguém aceita o julgamento de um homem falto de virtudes." Por que um médico pode ser canalha? Qualquer um pode ser canalha? Um juiz jamais será um canalha? Onde enquadraremos então o sr. Lallau? Como pode uma pessoa ser tão arrogante? Acho interessantíssimo que essa postura seja analisada por outros colegas.

Márcia Lazaroto de Oliveira Vizotto, São Paulo, por e-mail

# Nova anuidade permitirá ampliar ações do Conselho

A Assembléia Geral do CRP SP, ocorrida em 22 de outubro, aprovou o valor de R\$ 150,00 para as anuidades do Conselho referentes a 2002. A correção de 20% sobre a anuidade de 2001 (R\$ 125,00) foi considerada necessária para que o CRP SP pudesse recuperar um nível orçamentário compatível com o atual quadro econômico do país e da instituição. Nos últimos anos, o CRP SP manteve a tradição de corrigir suas anuidades abaixo dos índices referenciais para reajustes de preços (entre 1999 e 2000 houve uma redução na anuidade), de forma que mesmo com o reajuste atual a anuidade continuará em patamar inferior ao praticado por conselhos de outras categorias profissionais. Confira, por exemplo, a anuidade cobrada ainda em 2001 (portanto sujeita a reajustes em 2002) pelo CREMESP (Medicina) é de R\$ 220,00; pelo CRO (Odontologia), de R\$ 200,00; pelo CRESS (Serviço Social), de R\$ 170,00; pelo CRFa (Fonoaudiologia), de R\$ 180,00, e pelo CRF (Farmácia), de R\$ 155,87.

Um compromisso da atual gestão do CRP SP, empossada em setembro último, é ampliar os investimentos em ações políticas, que vão reverter, de um lado, em benefícios diretos à categoria e, por outro lado, reduzir os custos operacionais da máquina administrativa. A nova anuidade permitirá ao Conselho perfazer um orçamento estimado de R\$ 5,9 milhões, que será aplicado em cinco grandes áreas: **Gastos com Pessoal Civil** (incluído os encargos legais e sociais); **Apoio Funcional** (telefonia, eletricidade, materiais de consumo etc.); **Investimentos e Inversões** (manutenção e aquisições referentes a imóveis/sede e subedes, informática); **Ações Políticas Gerais** (inclui comunicação, cultura, profissão, movimentos sociais, políticas públicas e projeto nacional); **Fundo de Reserva** (para contingências). A prioridade de investimento está, como dissemos, nas ações políticas, visando garantir a concretização do Conselho como órgão mediador entre a sociedade e a profissão.

## Entenda a anuidade

*O cumprimento da taxa é uma determinação legal: é compulsória e sem possibilidade de anistia. O profissional inadimplente deve se comunicar com o Conselho e negociar uma solução consensual, evitando assim que o débito siga os trâmites legais de praxe, que resultam, em última instância, em sua inclusão na dívida ativa da União e, conseqüentemente, na cobrança judicial.*

*Os psicólogos que não estiverem atuando ou que desejarem (ou necessitarem) interromper o exercício da profissão devem contatar o setor de Atendimento do CRP SP e efetuar a suspensão temporária do registro. Mesmo nesse caso, é necessário estar em dia com as anuidades. Apenas interromper o pagamento não leva a cancelamento do registro; ao contrário, configura inadimplência e a dívida continuará existindo, podendo vir a ser cobrada judicialmente. O CRP SP disponibiliza algumas opções para o pagamento das anuidades. Veja as formas de pagamento:*

*À vista em janeiro: R\$ 145,80 (desconto de 2.8%)*

*À vista em fevereiro: R\$ 147,90 (desconto de 1.4%)*

*3 parcelas de R\$ 50,00 (com vencimentos em 31/01, 28/02, 31/03)*

*Os boletos de pagamento, com vencimento em 31 de janeiro em 2002, serão expedidos pelo Correio para os endereços constantes no Conselho. Caso não o receba, o psicólogo deve informar o setor de Atendimento do CRP SP ou a subsele de sua região, verificando se seus dados cadastrais estão corretos e, caso não estejam, atualizando-os. Seja qual for o motivo do não-recebimento, um novo boleto poderá ser enviado pelo Correio ou retido pessoalmente.*



**A Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP,**

o maior Centro de Assistência, Ensino e Pesquisa em psicologia hospitalar da América Latina, e o CEPsic, iniciarão em março de 2002:

### **IV Cursos de Especialização em Psicologia Hospitalar**

- 4.000 atendimentos psicológicos/mês
- orientação de monografias por mestres e doutores
- projeto multicêntrico de pesquisa e assistência

- novos projetos de psicanálise aplicada: apresentação de pacientes, grupos de investigação terapêutica

### **III Curso de Especialização em Neuropsicologia**

- 1º curso de especialização no Brasil
- baterias de instrumentos de avaliação e sala de espelho para treinamento de alunos
- professores com mais de 200 publicações e pesquisas na área

### **Cursos de Extensão nas áreas de:**

- Psicologia Hospitalar
  - Neuropsicologia
  - Distúrbios alimentares e obesidade mórbida
  - Psicooncologia
  - A Família no Hospital Geral
  - Obstetrícia Psicossomática
  - Psicanálise e Nefrologia
- Curso de Expansão**
- Temas de Psicologia Hospitalar

### **Informações Gerais**

Destinado a: psicólogos e graduandos  
 Início: 03/2002 | Inscrições: até 15/02/02  
 Informações: fones: (011) 3069-6459 ou 3069-6188, fax: (011) 3064-5843  
 e-mail: dipichc@hcnet.usp.br  
 www.hcnet.usp.br/ichc/psicologia.htm

### **Hipnoterapia Ericksoniana**

**Instituto Milton H. Erickson de São Paulo**

Destinado a: Psicólogos, Médicos e Dentistas  
 Duração: 11 meses (170 hs) Início: 04/02/2002  
 Fones: (11) 5584-8573 / 578-8695  
 E-mail: miltonerickson@selfpsicologia.com.br  
 Site: www.hipnoterapia.net

### **Especialização em psicooncologia**

Inscrições para a nova turma de 2002.  
 Informações na Secretaria de Cursos do Instituto Sedes Sapientiae  
 Fone: (11) 3866-2730



### **Suporte psicológico nas perdas e luto Cursos para profissionais**

Curso de Verão: O PROCESSO DE LUTO de 21 a 25 de janeiro  
 LUTO E SUAS IMPLICAÇÕES CLÍNICAS E INSTITUCIONAIS  
 Curso Anual Matrícula: fev/2001 Início: março/2001 Vagas Limitadas  
 Cursos Breves - a partir de março  
 Informações www.4estacoes.com Fones: (11)3486 9990, 3064 9194

# Outros futuros possíveis para



A trajetória profissional da psicóloga e psicanalista **Maria de Lourdes Trassi Teixeira(\*)** está ligada, desde o início, à defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes. Em particular, dos adolescentes que vivem condições de vulnerabilidade, como a prática de delitos e violência. Sua experiência profissional nessa área – incluindo atuações na Febem, ONGs e outras instituições – lhe confere embasamento para denunciar a falência da Febem e apontar o equívoco dos projetos de lei que propõem ao Congresso Nacional a redução da idade penal. Docente da PUC SP, Maria de Lourdes também coordena a Comissão da Criança, Adolescente e Família do CRP SP, que realizou esse ano o Concurso Contra a Redução da Idade Penal. Todos esses assuntos ela aborda nessa entrevista a **Maria Lino**, dirigente da Turma da Touca Assoc. Cultural Recreativa e Social (Campo Limpo), e às psicólogas **Renata Marmelsztejn**, coordenadora do Projeto Semear, e **Maria Cristina G. Vicentim**, da Oficina de Idéias.

*Cristina Vicentim - Como foi que a questão da infância e da juventude passou a se constituir no tema central na sua vida, quais seus primeiros trabalhos nessa área?*

**Maria de Lourdes** - Quando eu fazia Faculdade de Psicologia na PUC SP, tive oportunidade de trabalhar, como aluna, com a professora Maria Nilde Mascelani, uma das responsáveis pela minha formação. Ela não era psicóloga, mas pedagoga. Naquela época, 1974, havia acabado de sair da prisão política - aliás, nós ficamos esperando para fazer o estágio com ela. Ela tinha uma visão transdisciplinar; nosso grupo de estágio, além de psicólogos, tinha historiadores, sociólogos, pedagogos, engenheiros... Trabalhávamos em uma favela de São Paulo, no Rio Bonito. Eu, "por acaso", fui trabalhando e me interessando mais pelas crianças e, muito, pelos adolescentes. No cotidiano, a população local convivia muito bem com esses

moleques, que se refugiavam na favela, que eram perseguidos pela polícia. Ao mesmo tempo, tive oportunidade de visitar o antigo Recolhimento Provisório de Menor, RPM. Ainda não existia a Febem em São Paulo, em 1973. Ela foi instituída em 1975. No RPM, as condições de vida eram muito adversas. Os meninos ficavam num galpão, a polícia tomava conta. Eles recebiam água algumas vezes por dia, e aquilo tudo me chocava muito. Antes de terminar a Faculdade, Maria Nilde me convidou para trabalhar no escritório dela, de educação, a RENOV, onde íamos completar nossa formação. Um lugar em que as pessoas que já não podiam falar dentro da universidade iam falar lá, para nós. Foi a época das Comunidades Eclesiais de Base. Foi a época, também, da formação no Instituto Sedes Sapientiae, onde tive a oportunidade de conhecer a madre Cristina. Minha formação deu-se por esse veio e, ao mesmo tempo, dentro da PUC SP. Ainda na década de 70, tive oportunidade de trabalhar na Febem e com adolescentes autores de atos infracionais, em plena vigência do Código de Menores. Na época, foi montado em uma Unidade um projeto piloto para inserção desses meninos na comunidade: a Unidade Educacional Desembargador Teodomiro Dias - homenagem ao pai do José Carlos Dias. Trabalhávamos numa equipe competente e interessante; embora politicamente houvesse diferenças. Estávamos em plena ditadura militar e o diretor era comprometido com prática de tortura em outras Unidades, o que descobrimos posteriormente. Aí tínhamos de fazer vigilância por 24 horas, mesmo assim ele conseguia transferir meninos para a terrível Unidade de Mogi Mirim, no meio da noite. Quem nos dava supervisão, na área de educação, era um jovem chamado Júlio Lancelotti, que então nem era padre. Outra supervisora, em serviço social, foi a Maria Inez Bierrembach, posteriormente presidente da Febem e hoje diretora do Depto. da Criança e do Adolescente do Ministério da Justiça. Tive um começo muito privilegiado, entendendo sempre o adolescente como uma pessoa com direitos. Desde antes do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA -, para mim já era uma questão de cidadania, de direitos.

*Renata Marmelsztejn - Você ficou na Febem até quando e para onde você foi depois?*

**Maria de Lourdes** - Fiquei um ano mais ou menos nessa primeira experiência. Era época da ditadura militar e eu também tinha medo. Lembro muito de a Cecília Cassão Pereira e eu saindo do Tatuapé, às 11 horas da noite, com medo da escuridão, porque morávamos longe; e medo do diretor da Unidade, que começou a nos chamar de comunistas. Íamos trabalhar na periferia, mas com uma "cartinha" do dom Paulo Evaristo Arns no sutiã. Não sei se iria funcionar, mas a gente se sentia mais segura com ela... Depois, fomos descobrindo os outros liames institucionais; um dos

# Maria de Lourdes

# O Brasil adolescente

diretores praticava sevícias contra os meninos numa Unidade do interior; não tínhamos retaguarda política e isso foi revelando também a impossibilidade de realizar um trabalho. Saí de lá e fui trabalhar no Jaguaré, coordenando um Centro de Juventude (na época chamava OSEM, Orientação Socioeducativa do Menor) e uma creche, num programa ligado aos padres do Santa Cruz que atendia àquelas favelas do Ceasa. Ao mesmo tempo, sempre na PUC, entrei em 1970 como aluna; em 1975, como professora do Depto. de Psicologia Social, convidada pela profa. Sílvia Lane, e estou lá até hoje. Voltei para a Febem na década de 80, quando encontrei a Cristina Vicentim. Trabalhávamos juntas na Unidade de Jovens Adultos, de 18 a 21 anos, que chegavam com um *dos-sié* carimbado: "Réu perigoso". Eles tinham de usar algemas para sair da Unidade para ir ao dentista. No Quadrilátero Tatuapé, tínhamos uma equipe fantástica. A presidente da Febem era a Maria Inez Bierrembach e fazia parte do gabinete o Paulo Afonso Garrido de Paula, que até recentemente foi coordenador do Centro Operacional da Infância e Juventude; como consultor político tínhamos o sociólogo Emir Sader. Acabávamos, juntos, enfrentando o desafio de trabalhar com dignidade sem esquecer o valor da liberdade com meninos que estavam, eu diria, extremamente presos. Presos porque tinham uma sentença e, na época do Código de Menores, havia uma sentença. E estavam presos porque trabalhávamos em uma Unidade que não tinha janelas, sem luz do sol para os meninos e também para nós...

**Cristina** - Como é que a experiência com a questão da violência ilumina, redimensiona outras experiências profissionais suas?

**Maria de Lourdes** - Na PUC, uma coisa que gosto muito de fazer é supervisão de estágios, porque ali você vê o aluno começando a descobrir, a se perguntar, olhar, se emocionar. Essa experiência com a violência precisa estar sendo constantemente elaborada, porque a todo momento nos indigna. Mas só indignação não é suficiente. Depois tem de vir o pensamento. A possibilidade de compreender e, ao mesmo tempo, ter metas é um compromisso meu. E os alunos chegam à Faculdade de Psicologia cada vez mais adolescentes, com mais experiências a viver para encontrar o sofrimento, matéria-prima do nosso trabalho enquanto psicólogos. Estão longe de ter vivido, como testemunhas, o

sofrimento do outro em sua radicalidade maior, que é saber da existência da tortura, da ausência de direito. E a gente acaba criando na sala de aula uma certa amorosidade, um espaço de continência em que essas coisas podem ser ditas de um jeito que não seja assustador. À clínica eu cheguei por meio da instituição. Meu trabalho na Unidade de Jovens Adultos da Febem, em particular, mas todos os outros trabalhos também me colocaram questões sobre o funcionamento psíquico. Trabalhamos na Febem com a diretriz educacional de transformar os meninos em sujeitos da "História", com h maiúsculo. Isso estava assim lá, escrito nas diretrizes educacionais da Febem. Mas os relatos da equipe técnica diziam que eles não conheciam nem mesmo suas histórias pessoais. Num trabalho que a Cristina fez, eles conseguiam recuperar suas histórias a partir das cicatrizes que tinham no corpo. Então, como é possível um menino ser sujeito da história se não sabe nem a história pessoal e se ele nega suas matrizes de identidade? As histórias de sofrimento, deles são tão difíceis, que as memórias ficam esburacadas. Eles se lembram a partir do momento em que vão para a rua, um pouco como o (Walter) Benjamim dizia sobre os homens que chegavam da Primeira Guerra Mundial pobres em experiências para contar, pela violência que tinham vivido. Tudo me mostrava que a sociologia ou a economia não conseguiam explicar a delinqüência, e que só a profissionalização, a pedagogia não davam conta, porque os meninos carregavam prejuízos terríveis... Aí, a partir da leitura de Reich e da descoberta de (Donald) Winnicott, cheguei a Freud. Fui estudar um pouco mais e descobri que na clínica teria a possibilidade de elaboração. Fiquei então trafegando entre sociologia, antropologia, história, economia e Psicologia. Minha prática clínica continua, com todas as vicissitudes do humano que estão dentro de cada um de nós. O limite do sofrimento é muito esgarçado, sempre se amplia. Eu pude, com a clínica, superar preconceitos e entender que a Psicologia ou a Psicanálise comprometida deve ser para todos. Não é só o consultório, a clínica particular que atende a quem pode pagar. E pude ter mais liberdade de trânsito, mas acho que ainda há muito caminho pela frente.

**Maria Lino** - Vou continuar na Febem. Temos visto que os meninos que saem de lá, de 100 se aproveita 20. É muito pouco. Qual

é a sua sugestão para melhorar isso?

**Maria de Lourdes** - Penso que é trabalho para muitos: passa por construirmos um projeto de sociedade mais acolhedor para todos, inclusive os adolescentes e, particularmente, os adolescentes autores de atos infracionais, vistos não como adolescentes, mas apenas como infratores. É nessa mentalidade que dá para entender, por exemplo, as propostas de redução da idade penal. A opinião pública e muitos psicólogos, inclusive, acham que o encarceramento dos adolescentes - se bem que já estão encarcerados - pode reduzir a criminalidade e a violência. Eu penso que a solução, mesmo para o adolescente autor de ato infracional que precisa cumprir a medida socioeducativa de internação, não é a Febem. Falo dessa instituição situada dentro da Funabem, criada em 12 de dezembro de 1964, como um ato da Junta Militar e que guarda até hoje resquícios dos porões da ditadura militar. Eu já tentei, muitas pessoas já tentaram reformar

“Tudo me mostrava que a sociologia ou a economia não conseguiam explicar a delinqüência, porque os meninos carregavam prejuízos terríveis...”

a Febem por meio de supervisões, de formação de pessoal. Mas estamos lidando com uma instituição sedimentada. É constitutivo de sua montagem e de seu funcionamento a prática repressiva e a violência. Não é à toa que, atualmente, os próprios funcionários - denominados educadores - muitas vezes, e por meio de seu Sindicato, têm posicionamentos retrógrados, impedindo movimentos de mudança. Temos de pensar outras instituições onde os adolescentes possam fazer o cumprimento dessa medida de internação. Porque é preciso sim que o adolescente autor



S Trassi Teixeira

de ato infracional seja responsabilizado pelos seus atos e, quando são delitos graves, ele precisa cumprir a medida de internação. Não podemos defender a impunidade. A violência está crescente, até por conta das práticas de tortura que existem hoje dentro da Febem. Eles saem de lá cada vez mais violentos e o nível de reincidência está muito grande. Precisamos pensar em instituições mais adequadas, e não vamos ter de inventá-las do nada. Há hoje experiências importantes, em vários lugares do Brasil. Mas como é que se faz para desmontar uma instituição com quatro ou cinco mil funcionários? É preciso ter muita vontade política, muito peito, numa articulação com o Poder Judiciário. Hoje o que se vê? O Executivo dizendo que a responsabilidade é do Judiciário, que superlota. O Sistema de Justiça - no caso, o Ministério Público - indo lá e denunciando a prática de tortura. Quer dizer, precisamos de uma articulação de todos num projeto. E mais: precisamos de programas que dêem conta das outras medidas socioeducativas de um jeito decente, e não como pequenas experiências que atendem umas poucas dezenas de meninos, como a do Ipiranga, que é fantástica, mas atende poucos. Temos hoje em São Paulo milhares de adolescentes em liberdade assistida. Então, precisamos de um programa em nível municipal. Não dá para ficar fazendo mais experiências. Ao mesmo tempo, faltam pessoas que pensem, planejem, que tenham experiências vividas nessa área. E temos muitas cidades em que isso já está municipalizado e acontecendo não em pequenas experiências, mas como um trabalho efetivo. Por exemplo, em Belo Horizonte. Em São Paulo, setembro de 2001, onde estão as propostas de municipalização, os programas na área da infância e da adolescência? Cadê? Às vezes penso - posso estar sendo muito psicanalista ao dizer isso - que é algo da ordem da perversão ou do cinismo. Quer dizer, nada se altera. Então, as Comissões de Direitos Humanos, o Conanda, a Anistia Internacional, o Alto Comissariado da ONU, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, nós aqui do CRP SP, o Ilanud, a Abrinq, o Semear, enfim, todos nos mobilizamos em torno dessa questão, mas nada se altera...

**Maria Lino** - *E as reciclagens dos educadores da Febem, têm acontecido? Eles têm treinamento para saber educar os nossos jovens que estão lá?*

**Maria de Lourdes** - Nesse momento, não acredito mais em reciclagem. Penso que deve haver pessoas lá dentro muito bem-intencionadas, que sofrem, têm úlcera, precisam de licença psiquiátrica etc. E não é à toa que se pede um serviço de saúde mental para os funcionários da Febem. Mesmo que as condições melhorassem muito, continuaria precisando, porque é um trabalho difícil lidar com essa molecada. Mas, embora haja pessoas sérias, se a estrutura não mudar, não adianta. A gente vê do lado de fora a criminalização do adolescente; são adolescentes vistos como bandidos, perderam as características da adolescência. Então, reciclagem e treinamento não resolvem. Dizendo de um jeito simplista, a gente precisaria ter um projeto de sociedade, uma articulação entre todos os poderes com a sociedade civil.

“Não podemos defender a impunidade. A violência está crescente, até por conta das práticas de tortura que existem hoje dentro da Febem. Eles saem de lá cada vez mais violentos e o nível de reincidência está muito grande.”

Precisamos ter um projeto para os adolescentes autores de ato infracional articulando as medidas de meio aberto com a de internação. Aí teríamos um projeto em que ficaria claro qual é o trabalho dessas unidades de internação e poderíamos selecionar pessoal, treinar, dar uma retaguarda permanente, uma formação permanente e, então, acho possível conseguir alguma coisa.

**Renata** - *Que projetos você imagina que se possa fazer, em nível das pequenas utopias, para prevenir?*

**Maria de Lourdes** - Penso que o trabalho com os jovens tem de ser na referência da cultura. Durante muito tempo também acreditei na idéia da profissionalização, preparação para o trabalho. Hoje mesmo lia uma proposta de municipalização “A Criança e o Adolescente em Situação de Risco Pessoal e Social Para o Município de São Paulo” e lá estava: para adolescentes de 14 a 18 anos, profissionalização. Aí, fiz um ponto de interrogação: por que profissionalização? É porque eles são pobres? Para os adolescentes ricos a gente não pensa em profissionalização dos 14 aos 17 anos. Pensamos em acesso aos benefícios da cultura, como aprender línguas, informática, dança, música, viagens etc. Por que não podemos pensar também em cultura para os adolescentes pobres? Então, é pensar a educação no seu sentido mais amplo: não é só escolarização, informação e profissionalização. É dar ao adolescente acesso à cultura e, ao mesmo tempo, canais, possibilidades de expressão. Esses movimentos culturais que surgem por aí, na periferia, de rap e *hip hop*, são muito interessantes porque são agregadores dessa molecada. Fizemos um evento lá no Sesc Pompéia, na premiação do **Concurso Contra a Redução da Idade Penal**, e foi emocionante ver essa cultura que vem da rua e suas várias possibilidades de expressão. Quando são criados espaços, oportunidades, eles participam. Mas quais são os equipamentos culturais, de lazer, esportivos, recreacionais que temos na periferia? Desconheço! Não há serviço de saúde, nem equipamento de lazer, cultura, esporte. As secretarias municipais têm de fazer um levantamento da população de 12 a 18 anos: onde ela está e que equipamentos existem nesse local? Que se

incrementalmente um outro tipo de participação alternativo ao tráfico e à participação nas quadrilhas. Nesses locais, o adolescente não exerce sua potência em times de futebol, de vôlei ou sendo chefe de equipe de escoteiro; ele exerce grafitando, criando rap, tocando atabaque, dançando *break*. Ele tem uma potência produtiva. Cabe à sociedade, a nós, adultos, criarmos os mecanismos para que essa potência seja produtiva e não destrutiva. Isso é extremamente sério no Brasil todo. Em São Paulo, principalmente nesses bolsões de miséria e violência, como a favela de Heliópolis, Vila Brasilândia, Jardim Ângela, Itaim Paulista. E temos para reforçar isso os dados de envolvimento com a criminalidade, embora corra o risco aqui de sugerir que a questão da criminalidade do adolescente esteja ligada só ao adolescente pobre. Porque isso não é verdade. Temos hoje em Vila Madalena, Pinheiros, Perdizes, Santana - bairros de classe média, média alta - muitos adolescentes também envolvidos com criminalidade. E aí, também, dá para pensar quais são as alternativas de participação para essa molecada de classe média, média alta. Quais são? Em 1968, os adolescentes - sem querer fazer saudosismo - tinham os jovens nas barricadas da luta política. De algum modo, eram modelos com outras possibilidades de identificação. Hoje o modelo único é o consumo. Sempre cito o Jorge Coelho, um estudioso da Universidade Federal do Rio de Janeiro; ele diz que temos de pensar outros “futuros possíveis”, porque a adolescência e a juventude hoje funcionam em padrões muito diferentes. Até algumas gerações atrás falava-se em conflito de gerações. O mercado transformou o adolescente e o jovem em um agente social autônomo, porque ele é uma unidade de consumo. Isso produz outros modos de ser, de existir, de sentir, de pensar. Não adianta a gente querer fazer um programa para essa molecada pensando na nossa adolescência, ou em como eram os programas há dez anos. Hoje é de outro modo. Temos de pensar, inventar, mas quem vai dar as dicas são eles. ●

(\*) Maria de Lourdes Trassi Teixeira é autora, com Ana M. Bahia Bock e Odair Furtado, do livro “Uma Introdução ao Estudo de Psicologia”, Editora Saraiva, 1999.

# Terrorismo e justiça social

Os atentados contra o World Trade Center e o Pentágono, desencadeados em 11 de setembro de 2001, podem ser considerados concretizações do chamado terrorismo internacional. Cumpre a nós entender as razões que se escondem por trás dessas ações extremadas. Podemos considerar o terrorismo como a maneira de impor uma vontade pela disseminação do terror, ou como a forma de procurar alcançar objetivos por meio do emprego da violência contra pessoas ou coisas. Contemporaneamente, o terrorismo pode se encerrar na dimensão de um território, cujos exemplos característicos são o ETA na Espanha, que busca criar o país basco autônomo, e o IRA na Irlanda do Norte, que se opõe à continuidade do domínio inglês na região e tem raízes religiosas. Suas ações, quase sempre, limitam-se ao território em que se localizam, podendo atingir pessoas ou instituições situadas em outras regiões, mas sempre relacionadas com as motivações originais que os prendem às suas respectivas terras.

As ações terroristas, de outros grupos, podem ter manifestações mais amplas que se estendem a variados territórios, bem como suas ramificações podem estar espalhadas em diversos países e, mesmo, continentes. Suas motivações podem envolver conflitos distintos, com uma abrangência que não se esgota na dimensão de um só problema e chega a atingir parte considerável da humanidade. Assim, estamos diante do chamado terrorismo internacional. Especificamente, nos atentados ocorridos nos EUA, caso se considere que a Al Qaeda seja possivelmente a responsável pela realização desses atos, estamos perante ao que chamamos de terrorismo internacional. Em outras situações a organização já se manifestou de forma violenta em territórios distintos e sua rede de atuação se encontra espalhada em diferentes países e continentes.

Se considerarmos o pouco que se conhece acerca de uma de suas maiores lideranças - Osama bin Laden -, pensando-se nas razões que ele mesmo situa para seus atos, observamos que aponta para a necessidade de "livrar os territórios santos dos infiéis". Nesse momento se dirige ao seu país de origem, a Arábia Saudita e, especificamente, às cidades santas para o Islamismo, Meca e Medina, importantes regiões na construção da religião muçulmana, tendo forte significação na vida do profeta Mohammad, no século VII d. C.. Após a Guerra do Golfo (1991), tropas dos EUA que usaram a Arábia Saudita como ponto de passagem na luta contra o Iraque ali permaneceram, representando, na visão islâmica de Bin Laden, os "infiéis" (não muçulmanos) que, indevidamente, ocupam o território sagrado.

No vídeo divulgado logo após a invasão do Afeganistão em 07 de outubro último, Osama bin Laden acrescenta um outro componente a essas razões assumidas. Diz que "os EUA não terão paz" enquanto

o conflito palestino-israelense não tiver sido resolvido no Oriente Médio. Nesse sentido, alarga as razões alegadas para a manifestação de terror contra o inimigo, referindo-se a um longuíssimo conflito que tem raízes na Antiguidade e que envolve a ocupação sucessiva (em tempos antigos e na contemporaneidade) pelos hebreus de outrora, hoje judeus, de um território - a Palestina, vista como Terra Prometida para o povo "escolhido" - que, em ambas ocasiões, já se encontrava ocupado pelos hoje chamados palestinos. A Palestina, alvo de diferentes domínios, o último dos quais foi o da Inglaterra, desde 1948 abriga o Estado de Israel, desencadeando inúmeras situações conflituosas, nas quais, desde a crise do Canal de Suez (1956), os EUA têm desempenhado sempre papel unilateral favorável a Israel.

Essas razões apontadas e o histórico das regiões, hoje alvo dos conflitos atuais, ou seja, o Oriente Médio e a Ásia Central, onde se localiza o Afeganistão, nos leva a considerar que, por trás de eventuais extremismos ou fanatismos religiosos, existem razões profundas e de temporalidades longínquas que se relacionam com a nunca abandonada dominação do homem pelo homem, dos mais fortes sobre os mais fracos, dos mais ricos sobre os mais pobres. Para os que considerarem isso um reducionismo vulgar, basta tentar responder às seguintes questões: onde se abriga o nascedouro dos grupos terroristas internacionais nas nações ricas e fortes? Se as lideranças dos grupos terroristas são "fanáticos", "rebeldes sem causa", por que encontram seguidores?

Se a luta contra o terrorismo se converteu em uma das questões de interesse internacional e se é preciso reunir esforços para eliminar suas manifestações, é preciso atacar suas causas mais profundas. Para que isso ocorra, urge que as relações internacionais se alterem brutal-

mente caminhando para um outro padrão. A última década do século XX, considerada uma década de prosperidade, o foi, particularmente, para as nações mais ricas que, à custa da chamada "globalização", tentaram impingir a todas as nações a "lei do mercado" como a panacéia para todos os problemas. Impôs-se a visão de que o "mercado" resolveria todas as dificuldades em igualdade de condições. Ocorre que a melhor forma de ampliar a desigualdade é comparar desiguais. Jogar para o "mercado", como tem sido feito, nações em desigualdade de condições somente tem estimulado o aumento das desigualdades. O trabalho que o "mercado" não faz é completado com o garrote que se coloca sobre as endividadas nações mais fracas e pobres por meio dos organismos internacionais, como o G-7 e o FMI, que, com suas resoluções e regras draconianas, asfixiam as economias dos que chamam de "emergentes" e dos que nem o são.

Essa "agenda" precisa ser modificada sob pena de manifestações cada vez mais violentas e geradoras de terror se abaterem sobre os mais variados países e cidadãos, como debatido em Porto Alegre durante o Fórum Social Mundial (de 31/01 a 05/02/2001). No século XIX, para justificar sua obra-prima "Os Miseráveis", Victor Hugo escreveu: "...enquanto houver no mundo ignorância e miséria, os livros desta natureza não são de todo inúteis.". Se esses lamentáveis acontecimentos que agora vivenciamos contribuir para que os ricos e poderosos reflitam a respeito de bases essencialmente injustas sobre as quais se assentam sua riqueza e seu poder, não teremos passado inutilmente por esses amargos tempos e poderemos dar passos conjuntos na destruição da violência e do terror.

**Maria Aparecida de Aquino**

professora de História Contemporânea da USP



## CURSOS A DISTÂNCIA

# PSICOLOGIA E INFORMÁTICA

Os cursos pretendem despertar nos participantes uma consciência crítica sobre alguns dos temas que se constituem em desafios para nossa reflexão atual: relacionamentos virtuais, sociabilidade *on line*, mediação dos automatismos da informática nas relações humanas, multiplicação de personas virtuais, cibercultura, hipertextualidade, descentramento do texto e do sujeito.



### HIPERTEXTUALIDADE E MUNDOS VIRTUAIS - INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E CRIATIVIDADE HUMANA

Curso para graduados em ciências humanas e sociais, especialmente psicólogos e quartanistas de psicologia.

**INÍCIO: 18 DE FEVEREIRO DE 2002 - CARGA HORÁRIA: 84 horas**



### INFORMÁTICA NA FORMAÇÃO CLÍNICA DO PSICÓLOGO

Curso para psicólogos e quintanistas de psicologia.

**INÍCIO: 4 DE MARÇO DE 2002 - CARGA HORÁRIA: 67 horas**

## CURSOS QUE INTEGRAM A PROGRAMAÇÃO

PSICOTERAPIA PELA INTERNET, ORIENTAÇÃO POR  
E-MAIL E REALIDADE VIRTUAL CLÍNICA - UM ESTUDO CLÍNICO

O PSICÓLOGO EM SERVIÇO DE SAÚDE A DISTÂNCIA E A  
PREVENÇÃO A HIV / DSTs - ESTUDO DE CASO E ANÁLISE TEÓRICA

#### **Promoção:**

PUC/SP - Departamento de Métodos e Técnicas

#### **Parceria:**

PUC/SP - NPPI - Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Informática da Clínica Psicológica "Ana Maria Poppovic" e Grupo de Pesquisa de Psicologia e Informática - GT - ATMC



## INFORMAÇÕES

(0XX11) 3873 3155

(0XX11) 3672 0180

<http://cogee.pucsp.br>



# Continuam polêmicas sobre psicopedagogia e psicanálise

Tramitam no Congresso Nacional dois polêmicos projetos de lei que afetam diretamente a Psicologia. O mais antigo é o PL 3.124, apresentado pelo deputado Barbosa Neto (PMDB/GO), em 1997, que pretende regulamentar a profissão de psicopedagogo. Em seu texto, define que "poderão exercer a profissão" aqueles que tenham feito mestrado em psicopedagogia, limitados aos psicólogos e psicopedagogos. Mas - como define documento elaborado pelo Conselho Federal de Psicologia - esses já são os profissionais que exercem a atividade: "A aprovação desse projeto, portanto, só atenderia ao interesse dos profissionais formados em pedagogia que, exercendo a atividade de psicopedagogia, não possuem ainda essa atividade regulamentada no âmbito da sua profissão".

Os psicólogos, no entanto, são profissionais formados e habilitados para esse exercício, especificado pela lei 4119/62. Por que, então, exigir uma dupla inscrição desses profissionais? Para o CFP e para o CRP SP, o projeto "é um equívoco porque regulamenta o que em parte já está regulamentado e, também, porque não caminha na direção de melhorar nosso sistema educacional. Ele esvazia a função do docente, criando mais uma atividade para remendar um ensino desqualificado". Nesse momento, preocupa em particular o fato de o projeto sobre psicopedagogia ter recebido aprovação nas comissões de Trabalho, Administração e Serviço Público, CTASP, e Educação, Cultura e Desporto, CECD. É preciso que a categoria manifeste seu descontentamento e pressione para que ele seja rejeitado pelos membros da Comissão de Constituição e Justiça e de Redação, CCJR, onde será julgado em sua constitucionalidade.

## Psicólogo: manifeste-se junto às Comissões da Câmara dos Deputados

Confira os endereços e envie seu protesto:

### Psicopedagogia – Comissão de Constituição e Justiça e de Redação

E-mail direto: [cojur.decom@camara.gov.br](mailto:cojur.decom@camara.gov.br)

Sugestão de texto: "Nós psicólogos somos contra o PL 3.124. A lei 4119/62 já garante aos psicólogos o exercício da psicopedagogia. Regulamentar a profissão de psicopedagogo é um equívoco".

Presidente: Inaldo Leitão (PSDB/PB)

e-mail: [dep.inaldoleitao@camara.gov.br](mailto:dep.inaldoleitao@camara.gov.br), fone (61) 318 5938, fax (61) 318 2938

Vice: Zenaldo Coutinho (PSDB/PA)

e-mail: [dep.zenaldocoutinho@camara.gov.br](mailto:dep.zenaldocoutinho@camara.gov.br), fone (61) 318 5286, fax (61) 318 2286

Relator: Roland Lavigne (PMBD/BA)

e-mail: [dep.rolandlavigne@camara.gov.br](mailto:dep.rolandlavigne@camara.gov.br), fone (61) 318 5550, fax (61) 318 2550

### Psicanálise – Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público

e-mail: direto: [ctasp.decom@camara.gov.br](mailto:ctasp.decom@camara.gov.br)

Sugestão de texto: "Nós psicólogos somos contra o PL 3.944. A lei 4119/62 já garante aos psicólogos o exercício da psicanálise. Regulamentar a profissão de psicanalista é um equívoco".

Presidente: Freire Junior (PMDB/TO)

e-mail: [dep.freirejunior@camara.gov.br](mailto:dep.freirejunior@camara.gov.br), fone (61) 318-5601, fax (61) 318-2601

Vice: Lino Rossi (PSBD/MT),

e-mail: [dep.linorossi@camara.gov.br](mailto:dep.linorossi@camara.gov.br), fone (61) 318-5524, fax (61) 318-2524

Relator: ainda não definido

O segundo projeto em tramitação no Congresso é o PL 3.944, proposto no ano passado pelo pastor e deputado Eber Silva (PDT/RJ), que quer tornar a psicanálise profissão. Os Conselhos de Psicologia entendem que também a psicanálise é uma "especialização interdisciplinar" e não deve constituir profissão. Defende que o aprendizado e a qualificação do psicanalista sejam alvos de um maior controle, mas sem que haja necessidade de ela ser regulamentada como profissão. Ainda em fase inicial de tramitação, o projeto obteve parecer contrário na Comissão de Seguridade Soci-

al e Família, CSSF, e foi encaminhado para a Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público (em processo de apreciação e aguardando distribuição). Posteriormente será remetido também à Comissão de Justiça. É da mesma forma importante que os profissionais de Psicologia se mobilizem e manifestem claramente seu repúdio a esses projetos enviando telegramas e e-mails (pelo site da Câmara dos Deputados: [www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br)) às Comissões que os estão analisando - em particular aos seus relatores. Proteste!

## Notas

### CNE avalia Diretrizes Curriculares da Psicologia

No final do ano de 1999, a Comissão de Especialistas em Ensino de Psicologia encerrou seus trabalhos junto a SESu/MEC, sobre as novas Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação em Psicologia. O texto foi entregue ao Conselho Nacional de Educação, CNE, e atualmente está em avaliação: "O CNE já iniciou o processo de deliberação, mas as diretrizes para as diversas carreiras profissionais estão sendo aprovadas em blocos, em um procedimento dividido em duas etapas: uma de discussão aberta e outra de deliberação", informa a professora Maria Angela Guimarães Feitosa, coordenadora da Comissão de Especialistas. "Nesse momento é importante estarmos acompanhando a pauta das reuniões do CNE para que a Psicologia se faça ouvir", ela complementa.

### Programa de TV Diversidade e 3º Prêmio Arthur Bispo do Rosário

Motivos contrários à vontade da atual direção do CRP SP levaram-na a suspender o programa de TV Diversidade, que vinha sendo gravado mensalmente no auditório da sede do Conselho e exibido pelo Canal 15, CNU, das redes de TV a cabo NET e TVA. Até dezembro, o CNU estará reprisando programas antigos nos horários previstos para o Diversidade.

Também o 3º Prêmio Arthur Bispo do Rosário, que deveria ser realizado este ano, foi adiado para 2002. A abertura para as inscrições deverá ser feita já a partir de março, dentro dos mesmos critérios adotados nas duas primeiras versões do concurso, voltado para usuários do serviço de saúde mental de SP. Aguardem...

### Prêmio Monográfico Arthur Ramos

"Pluralidade étnica, um desafio à Psicologia brasileira" é o tema do Prêmio Monográfico do CFP, que objetiva estimular a produção científica, homenageando o pioneiro Arthur Ramos, precursor no debate sobre o assunto no Brasil. As inscrições já estão abertas em duas categorias: I. Categoria Psicólogo e II. Categoria Estudante. As obras classificadas receberão: R\$ 2.500,00 (1º lugar); R\$ 1.000,00 (2º lugar); R\$ 500,00 (3º lugar), em cada categoria. Os trabalhos premiados serão publicados na revista de Psicologia "Ciência e Profissão", do CFP. Os resultados serão divulgados no dia 18 de junho de 2002; a data de entrega dos prêmios será anunciada posteriormente. Maiores informações: [www.pol.org.br](http://www.pol.org.br) ou pelo telefone: (0xx61) 328-1814

# A “negação” da morte

“Senhoras e senhores  
Trago boas novas  
Eu vi a cara da morte  
E ela estava viva, viva!”

Cazuza, “Boas novas”, 1988

Cada vez mais, as pessoas têm dificuldade em falar e vivenciar a morte; os rituais de luto estão sendo segregados às CTIs de hospitais e às salas de velório, organizadas de forma a tornar o contato com o morto (e a morte) o mais indolor possível. A sociedade de consumo tenta dar à morte - ampliando o tabu que a envolve - uma nova embalagem mais ascética e aceitável, procurando contornar seu impacto, amenizar seu significado, reduzir os transtornos que possa acarretar. Mas a morte e o ritual do luto que a ela se segue estão permanentemente presentes em nosso cotidiano, pois vida e morte não podem ser separadas. Mais ainda em tempos de guerra, como os atuais, em que ela freqüenta de forma assustadora os noticiários sobre pessoas aos milhares morrendo em atentados terroristas ou nos campos de batalhas no Afeganistão e da Palestina. A guerra bacteriológica - epidemias de antraz e outros micróbios - salta da ficção para a realidade.

Uma guerra lamentável instaura o sentimento de pânico e luto coletivo. Mas a sociedade de consumo não sabe e não quer saber lidar com isso: “Tudo o que vivemos cabe em um determinado tempo e com a morte acaba-se a possibilidade de continuarmos a existir, ao menos nessa forma que conhecemos. O homem moderno, voltado para a produção e para o consumo, valoriza o fazer e o ter mais do que o ser. E a morte elimina isso”, comenta Maria Helena Franco Bromberg, uma das primeiras psicólogas a tratar da questão do luto no Brasil e atualmente coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Sobre o Luto da PUC SP, LELu, e membro do Instituto Quatro Estações - Instituto de Psicologia.

O avanço da ciência e o tecnicismo fizeram com que crescesse no mundo contemporâneo uma cultura de negação da morte: “Observando a história, percebemos que esse tabu foi se constituindo no decorrer dos últimos oito séculos e, mais aceleradamente, a partir do Renascimento e da Revolução Industrial. A morte como solenidade pública e coletiva vai se transformando na morte de alguém fechado e isolado na CTI de um hospital. Na Idade Média, as sepulturas ficavam na Igreja, estando ao mesmo tempo no centro da vida social”, analisa o antropólogo José Carlos Rodrigues, professor da PUC RJ, autor do livro “O Tabu da Morte”.

Esse processo de negação da morte deixa, evidentemente, seqüelas graves na psique do chamado “homem moderno”. Seus sintomas manifestam-se de diferentes maneiras, indo da simples negação até o pavor extremo que causa depressões, as chamadas síndromes de pânico e outros tipos de disfunções: “Um dos temores mais fortes no ser humano é o da morte, que pode ser multifacetado. Pode-se ter medo do processo de morrer, do que vem depois, do que vai acontecer com o corpo; ou ainda de morrer cedo demais,

de não ter dado assistência às pessoas que precisam etc. Enfim, pode ser multidimensional. Isso pode estar muito ligado ao que chamamos corriqueiramente de síndrome de pânico. A pessoa sente essa falta de controle e vulnerabilidade”, relaciona Maria Julia Kovács, coordenadora do Laboratório de Estudos Sobre a Morte do IPUSP.

O principal abrigo das pessoas para o absorver as dores de suas perdas tem sido historicamente as religiões, a espiritualidade - sustentadas em dogmas e intuições irracionais, em contraponto à racionalização cientificista (veja na pág. 11). “Existem dois caminhos contraditórios: de um lado, temos o primeiro, que está na ciência que trabalha no sentido de derrotar a morte. Por outro lado, temos a espiritualidade, que tem a função de transcender a morte. Além disso, as religiões oferecem explicações que são aceitas ou não. São dois campos nos quais se fala de morte. Mas não podemos deixar de lembrar da diferença existente entre religião e espiritualidade. A primeira oferece determinados rituais, significados e respostas que tentam explicar o mundo. A espiritualidade também é um caminho para o ser humano se entender com a morte, sem que isso signifique entrar na moldura da religião”, comenta Maria Helena Franco Bromberg.

A morte não é o único fator que pode desencadear um luto, que em um sentido mais geral quer dizer perda (veja na pág. 12): desilusões amorosas, derrotas esportivas, perda do emprego ou aposentadoria, falência de um negócio. Toda perda grave gera um luto: “A perda é uma das situações mais traumáticas da vida de um ser humano. O luto é a perda de pessoas próximas ou de situações que têm uma relação de vínculo conosco; há uma grande carga energética vinculada. É um processo de elaboração para que essa ferida sare. É muito importante a pessoa realizar que de fato a perda ocorreu”, afirma Maria Julia Kovács.

O processo de “elaboração de um luto” segue um roteiro de fases: entorpecimento (período onde a pessoa ainda não realizou o fato); anseio e procura; desorganização; início da percepção; reorganização. “Essa divisão tradicional ajudou a entender o luto, mas atualmente se busca observar mais os ‘padrões’ de comportamento, com um enfoque no indivíduo, do que referências cronológicas. Trabalhamos muito mais com uma construção de significados para determinada morte, para a sua vida antes e depois daquela morte/perda”, analisa Maria Helena Franco Bromberg.

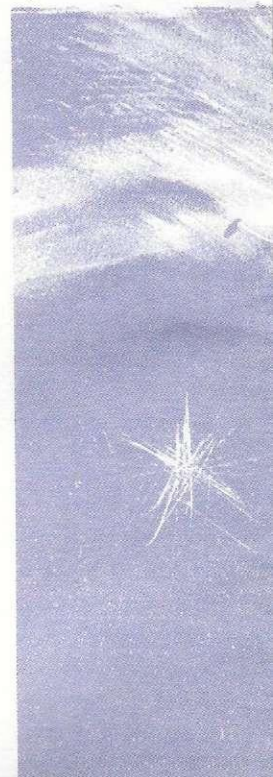
As conseqüências de um luto mal elaborado manifestam-se de diversas formas. “O que mais chama a atenção não é o sentimento em si, mas a sua duração e a intensidade. É natural que as pessoas se sintam tristes ou até tenham um quadro de depressão, mas por um determinado tempo. Quando isso fica perene, então há um sinal de que a coisa não anda bem e que



Cemitério da Vila Formosa, São Paulo, 2001.

“E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte  
de fome um pouco por dia.”

João Cabral de Mello Neto, trecho de “Morte e Vida Severina”



Escultura em túmulo do  
São Paulo, 2001.

# , a preços de mercado

se tem um quadro patológico. Freud levantou a tese de que certas pessoas têm uma disposição de 'ânimo patológico'. Dessa forma, uma situação de luto pode se tornar complicada", comenta Maria Julia Kovács. Algumas circunstâncias podem tornar mais traumático o processo de luto em casos de morte. "Suicídios, acidentes, perdas de filhos, múltiplas perdas, pessoas solitárias, condições de vida precárias são algumas circunstâncias que fazem supor uma possibilidade de complicação no luto", ela complementa.

Apesar do avanço tecnológico, o aumento da violência tem paradoxalmente banalizado a presença da morte em nosso cotidiano, vitimando em particular as camadas sociais excluídas do mercado de consumo. "Nas classes mais populares, em que a morte é uma coisa mais comum, por violência ou precariedade de vida, as pessoas tendem a se habituar e a gerar

anticorpos", compara José Carlos Rodrigues. Esse fato acarreta em danos para o processo de elaboração do luto. "Essas situações trazem um grave risco para que as pessoas desenvolvam um luto complicado, pois muitas vezes elas são sobreviventes da violência que aumentou assustadoramente. Como as pessoas têm de se defender, acabam não se importando mais", continua Bromberg. Uma metrópole como São Paulo apresenta contradições enormes. Num contexto de enormes desigualdades sociais, chacinas, seqüestros e homicídios tornam-se rotina: "Estão se mesclando várias mentalidades em relação à morte. Por um lado, preserva-se mais a vida das pessoas que têm acesso à ciência, que estão envelhecendo e vivendo mais tempo. Por outro, vivemos um paradoxo: muitas crianças e jovens sofrendo mortes violentas", alerta Maria Julia Kovács.

## A morte também tem história

Fascínio, temor e aversão são algumas das emoções contraditórias que a morte provoca no ser humano - único animal do planeta Terra dotado de inteligência, portanto de consciência de sua existência finita. A busca de explicações para a existência - e para o que vem depois dela - gerou todas as culturas e tradições religiosas existentes, com seus rituais e mitologias. Nas fábulas literárias, os que ousam ultrapassar a barreira da morte - em obras como "Drácula", "Frankenstein" e similares - se tornam monstros e vagam pateticamente na eternidade. Da maneira como é compreendida atualmente, a morte só passou a existir na sociedade industrial, capitalista e contemporânea.

Nas sociedades anteriores, os mortos eram presentes entre os vivos - eram enterrados em igrejas e acreditava-se piamente na ressurreição. Da forma como a entendemos, "a morte só se estabeleceu quando os mortos 'morreram'. A partir daí criou-se um território temível, uma espécie de abismo que contém do outro lado um grande ponto de interrogação. E os mortos de cada família e de cada um de nós vão sendo esquecidos cada vez mais rapidamente. Esse processo de silenciamento sobre quem morreu aumenta o tabu em torno da morte. E essa é uma característica exclusiva de nossa sociedade contemporânea", comenta José Carlos.

No Egito Antigo, ergueram-se as pirâmides colossais para abrigar as múmias dos faraós, pois se pensava que poderiam usufruir, no além, dos bens materiais ali depositados. Na Idade Média, arraigada a um catolicismo ao pé da letra, acreditava-se cegamente que o falecido ficaria na sepultura aguardando o juízo final, quando seria julgado - simplificando a relação com a morte, como ocorre com muitos católicos fundamentalistas. Ainda hoje, na religião islâmica, é a crença de seguidores de seitas fundamentalistas na passagem direta para o "Jardim de Alá",

onde virgens os aguardam, o que leva muitos a praticar atos terroristas suicidas. Numa sociedade dita moderna como a nossa, no entanto, as chamadas crenças primitivas, assim como os "valores espirituais" se dissipam e são substituídos pelas explicações científicas e pelos "valores do consumo". O ritual do luto, da perda é descartado como supérfluo, porque ele atrapalha o consumo. No entanto, por mais que se queira, é impossível afastar a idéia e a realidade da morte, entendida então como perda definitiva das relações de afeto com os mortos. "Se você só se vê diante da morte e acredita que ela é a dissolução do seu ser individual, começa a sentir medo. Além disso, do lado dos que sobrevivem existe a lacuna e o desaparecimento dos que morrem, que é a mais forte metáfora do nada", ele continua.

A aversão à morte é reafirmada na mesma medida em que a ciência avança, como se sua principal meta fosse vencê-la. "Atualmente a morte é vista como evento interdito, um erro e um fracasso. Isso tem a ver com o desenvolvimento da medicina", comenta Maria Julia Kovács. Para José Carlos Rodrigues, "essa é uma característica de nossa sociedade que atinge também a morte. O que, em outros tempos, esperava-se da magia e da religião, atualmente se espera da ciência. A resolução dos problemas, a descoberta da felicidade, o prolongamento da vida, a eterna juventude, a cura das doenças - tudo é incumbência da ciência. Durante a Idade Média, morrer era uma coisa muito comum e isso, de certa forma, banalizava a morte. Atualmente, a questão fundamental é a valorização da vida biológica. Porém, uma valorização individual, em detrimento da valorização da vida coletiva. Esse é o preço de uma medicina que está elevando a média de vida para 80 anos em países como a Suécia, sendo que a vida continua extremamente encurtada no nordeste brasileiro ou em países africanos", afirma.

"E nem desfolhem na matéria impura  
A flor do vale que adormece ao vento:  
Não quero que uma nota de alegria  
Se cale por meu triste passamento"

Álvares de Azevedo, trecho de "Lembrança de morrer"



Movimento em dia de finados, Cemitério do Araçá, São Paulo, 2001.

"Morrer é apenas não ser visto.  
Morrer é a curva da estrada."

Fernando Pessoa

Agência Estado

Agência Estar

mitério da Consolação,

# Elaboração do luto exige ritos de passagem

As elaborações de lutos - em casos de mortes - não podem ser consideradas completas sem os rituais fúnebres. Essas celebrações, além de possibilitar contatos afetivos e de conforto entre parentes, apresentam simbologias que pretendem concretizar o ocorrido. "Em todas as sociedades existem ritos e mitos sobre a morte, pois ela implica a tomada de providências práticas e a reordenação das relações sociais. Existem também questões lógicas que os rituais têm de resolver. Mas como pode um ser pensante pensar o não-pensamento? Um alguém pensar o ninguém, o nada que a morte representa. Essa angústia lógica é superada pelos rituais", argumenta José Carlos Rodrigues, da PUC RJ. Segundo Maria Helena Franco Bromberg, da PUC SP, "a morte é um grande desorganizador cultural; e a cultura encontra respostas para ela por meio dos rituais, que juntam as pessoas, dão uma condição segura para a expressão dos afetos

e ajudam no processo de construção do significado. Se houver dois indivíduos em uma ilha do pacífico e um deles morrer, haverá um ritual", afirma.

Os rituais fúnebres - e a elaboração do luto em si - sofrem mudanças de acordo com os processos econômico-sociais vividos pelas sociedades. A tendência hoje é fazer tudo depressa, o mais indolor possível, reduzindo-se a simbologia ao mínimo necessário. "As pessoas, por exemplo, não usam mais o preto para significar morte, cor que tem uma função importante, pois comunica ao mundo uma situação especial vivida pela pessoa, que merece um tratamento diferente", alerta Bromberg. "Nossa cultura atual desqualifica os rituais e tira um pouco de seu valor. Isso tem consequências: as pessoas não conseguem fazer o processo de luto", complementa Maria Julia Kovács. Nos antigos ritos em casos de mortes familiares, as pessoas participavam do ritual, que eram eventos

públicos. Hoje os rituais fúnebres tendem a ser "escondidos, muito mais secos e asépticos".

As principais tradições religiosas existentes no mundo - judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo e hinduísmo - possuem seus próprios rituais e explicações para a morte (veja pág. 13). "O homem religioso é aquele que acha que veio de algum lugar e que vai para algum lugar. O espaço religioso é excelente para que a morte tenha voz e cada tradição transita isso de uma forma diferente. É comum a todas elas que a morte seja um rito de passagem; isso nenhuma nega", observa Cristina Guarnieri, psicoterapeuta e mestre em Ciências da Religião pela PUC SP. Também a faixa etária influencia na forma como o ser humano enfrenta a morte: "O adulto idoso pode pensar que triunfou sobre a morte, o adulto jovem tem algo semelhante à repulsa, pois isso não pertence ao momento dele", avalia Bromberg. Infância e adolescência são as idades mais sensíveis, às quais se deve dispensar uma abordagem clara para a morte.

O luto - e seu ritual - também pode ser coletivo, quando a comoção por perdas mobiliza grandes massas. Uma pesquisa recente (\*) apontou as cinco maiores tragédias brasileiras: morte de Ayrton Senna (54,6%); suicídio de Getúlio Vargas (15,2%); rejeição da emenda das Diretas Já para presidente da República, em 1984 (14,2%); morte de Tancredo Neves (10,7%); derrota para o Uruguai na final da Copa de 1950 (5,3%). Todos esses eventos foram seguidos de lutos: "Isso acontece exclusivamente pelo simbólico. Pouquíssimos dos populares que se enlutaram por Getúlio Vargas e por Senna os conheceram pessoalmente. É a partir do que eles significam que se desencadeia o luto", analisa Maria Helena Franco Bromberg, da PUC SP.

Em alguns casos - particularmente na morte de políticos e conflitos bélicos - o luto pode ter repercussões sociais. A morte dramática de Getúlio, por exemplo, reverteu e adiou um processo de golpe de Estado que só se efetivou uma década mais tarde. Tancredo Neves comoveu as massas reforçando o momento cívico no contexto da redemocratização do país - a Nova República - após 20 anos de ditadura militar. No entanto, o maior cortejo fúnebre já registrado no Brasil foi o do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, em 1994. Ayrton encarnava a figura do herói nacional. Outro luto esportivo que ainda hoje repercute foi a derrota da Seleção Brasileira de Futebol para o Uruguai na final da copa de 1950 - "nossa maior catástrofe, a nossa Hiroshima", segundo epitáfio de Nelson Rodrigues.

(\*) Enquete com 1.818 pessoas/Época.



Agência Estado

Suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, provoca grande comoção popular e muda os rumos da vida política do país.

## Instituições que estudam o luto

**Laboratório de Estudos Sobre a Morte, LEM, do Inst. de Psic. da USP:** Desenvolve estudos e pesquisas sobre o tema e presta assistência à comunidade. Realiza o projeto "Falando de morte", série de vídeos sobre o tema. Av. Mello Moraes, 1.721, Cidade Universitária, São Paulo, SP. CEP 05508-900, Fones: (11) 3818-4185, ramais 31 e 33, Fax: (11) 3813-8895 E-mail: mjkoarag@usp.br; site: www.usp.br/ip/laboratorios/lem

**Laboratório de Estudos Sobre o Luto, LELu, da PUC SP:** Ligado ao Programa de Pós-graduação de Psic. Clínica, no Núcleo de Família e Comunidade, presta atendimento clínico, atua no ensino, incentiva pesquisas na graduação, no mestrado e no doutorado. Prestou apoio aos familiares e às vítimas da explosão do Shopping de Osasco e do acidente aéreo da TAM. Rua Monte Alegre, 961, Perdizes, São Paulo, SP. CEP 05014-001, Fones: (11) 36708040/ 8041 E-mail: clinpsic@pucsp.br; site: www.pucsp.br/~clinpsic

**4 Estações - Instituto de Psicologia:** Presta atendimento clínico e atua no ensino. Rua Caçapava, 130, Jd. Paulista, São Paulo, SP. CEP 3486-9990, Fone: (11) 3486-9990 E-mail: info@4estacoes.com; site www.4estacoes.com



Multidões acompanham o cortejo fúnebre do piloto Ayrton Senna, em 04 de maio de 1994, São Paulo.

## As religiões e seus preceitos:

### Judaísmo

A mais antiga das religiões ocidentais fundamenta-se nas escrituras deixadas pelos profetas na Bíblia Sagrada. A vida é preparação para um mundo vindouro; a cremação é proibida. Judeus não velam mortos com caixão aberto, pois a exibição do corpo é considerada desrespeito. Os homens são enterrados com seu xale de oração. Durante a cerimônia, o rabino discursa e os filhos homens recitam oração (kadish). O luto judaico acontece em três fases: shivá - sete primeiros dias; shloshim - período de 23 dias; avelut - estende-se até o primeiro ano após o falecimento, porém só deve ser observado pelos filhos.

### Cristianismo

Abrange as religiões que professam os preceitos deixados por Jesus Cristo, crê nos profetas bíblicos e no Novo Testamento dos profetas cristãos. Inclui Católicos, Evangélicos, Pentecostais e Ortodoxos (o Espiritismo, que reúne os seguidores de Alan Kardek, é uma tradição particular nesse contexto, pois crê na reencarnação do espírito, que é eterno e evolui). Os cristãos crêem que após a morte o espírito vai para o céu ou para o inferno (os católicos crêem no purgatório), de acordo com os pecados que cometeu. Crêem no Juízo Final, quando os mortos ressuscitarão para uma vida eterna junto a Deus. Os rituais de morte e luto têm similaridades, incluindo: unção, velório, enterro e orações (cultos, missas).

### Islamismo

Pertence à tradição dos profetas bíblicos, mas tem Maomé como último grande profeta. Vê a morte como passagem para uma próxima etapa; no Juízo Final acontecerá a ressurreição, todas as almas retornarão a corpos jovens e sem defeitos. A cremação voluntária é proibida. O caixão serve apenas para transportar o corpo até o cemitério; deve ser simples. O velório apenas serve para cumprir a burocracia ou aguardar um parente. Quanto antes for realizado o sepultamento melhor. Não há luto; para o islamita a morte deve ser vista como natural.

### Budismo

Equipara a vida presente a uma situação de "sono", motivada pela ignorância que mantém o homem inconsciente de sua verdadeira natureza e preso a um ciclo de renascimentos e mortes (tudo é transitório e interligado). Ao obter a "Verdadeira Sabedoria", ele se liberta, alcançando o Nirvana ou estado de perfeição espiritual. Os budistas adotam prioritariamente a cremação. Durante o luto é importante cultivar sentimentos de gratidão com relação aos familiares que se foram e aprender com o morto sobre a inevitabilidade da morte.

### Hinduísmo

Crê na reencarnação. A vida na terra é parte de um ciclo eterno de nascimentos, mortes e renascimentos. A pessoa pode levar uma vida voltada para o bem e se libertar desse ciclo. O cumprimento correto do dharma (dever prescrito) pode levar o praticante à mukti (liberação) do karma (ciclo repetitivo de nascimento e morte). Os mortos são cremados em uma pira aberta, acesa pelo filho mais velho do falecido.

### Candomblé

De origem africana, entende que a vida continua por meio da força vital imperecível de cada um: o ori, que volta a reencarnar em outro corpo da mesma família. O rito funerário (axexé) começa após o enterro e pode durar dias; objetos pessoais do morto são quebrados e jogados em água corrente. A morte leva tempo para ser superada e mais tarde o ente que se foi interfere na energia do grupo ao qual esteve ligado.

### Populações religiosas no mundo/ 2001

Religião	Número	Porcentagem
Cristianismo	1,9 bilhão	33%
Islamismo	1,2 bilhão	20%
Hinduísmo	800 milhões	13%
Budismo	400 milhões	6,5%
Judaísmo	14 milhões	0,23%

Fontes: Veja/site www.asreligoes.globo.com

Fontes: site www.asreligoes.globo.com/Folha de S. Paulo

## Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento para 2002



- ✓ A Adolescência na Contemporaneidade
- ✓ Acompanhamento Terapêutico
- ✓ Arte Terapia
- ✓ Atendimento em Orientação Familiar e Processos Psicoterapêuticos
- ✓ Cinesiologia Psicológica - Integração Físio-Psíquica
- ✓ Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma
- ✓ Clínica Reichiana Contemporânea
- ✓ Curso Básico de Arte Terapia em Contexto Social Institucional
- ✓ Formação em Psicanálise
- ✓ Formação em Psicopedagogia: Atendimento Clínico e Institucional
- ✓ Formação em Psicodinâmica
- ✓ Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica
- ✓ Gerontologia Social
- ✓ Gestalt Terapia
- ✓ Orientação Vocacional
- ✓ Psicanálise - Teoria e Clínica
- ✓ Psicanálise da Criança
- ✓ Psicanálise no Hospital Geral
  - ✓ Psico-oncologia
  - ✓ Psicodrama
  - ✓ Psicologia do Esporte
- ✓ Psicologia Jurídica: Psicologia, Justiça e Cidadania, Proposta de uma Práxis
- ✓ Psicologia Social das Organizações
  - ✓ Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea
  - ✓ Psicossomática
  - ✓ Psicoterapia Breve
- ✓ Psicoterapia de Casal de Base Psicanalítica
  - ✓ Psicoterapia Psicodinâmica da Pré-Adolescência e Adolescência
  - ✓ Violência Doméstica: Psicoterapia e Profilaxia numa Perspectiva de Atendimento Interdisciplinar

### INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

A partir de novembro de 2001  
 Rua Ministro Godoy, 1484  
 Perdizes, São Paulo/SP  
 Tel: 3866-2730 - 3866-2731 - 3866-2732  
 3866-2733 - 3866-2734 - 3866-2766  
<http://www.sedes.org.br>  
 E-mail: sedes@sedes.org.br

# 3ª Conferência Contra o Racismo, entre recuos e avanços

Saída dos EUA e de Israel do evento pode ter precipitado os ataques terroristas de 11 de setembro

الله لا اله الا هو الحي القيوم

Todos acompanhamos pela mídia os entraves que conturbaram a 3ª Conferência da ONU Contra o Racismo, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, ocorrida em Durban, África do Sul, entre 31 de agosto e 08 de setembro. Houve momentos em que as polêmicas, de certo modo inevitáveis em um encontro que reuniu diferentes povos e culturas, pareceram colocar a perder todo o trabalho: “Essa impressão de que houve mais desencontros do que conquistas resultou do fato de a mídia, em geral, se interessar mais em destacar as confusões”, pondera a psicóloga social e militante de movimentos afro-brasileiros Edna Roland, relatora geral de dois documentos resultantes da Conferência: a “Declaração de Princípios” e o “Programa de Ação”. Ela acredita que a Conferência gerou documentos amplos e importantes contendo propostas que poderão beneficiar milhões de pessoas no mundo: “O meu papel é garantir fidedignidade, certificando-me de que o que vai se tornar público seja o efetivamente aprovado”, define. Adiantamos aqui, com exclusividade, as decisões dos documentos, cujas versões finais serão divulgadas à mídia até o final desse ano.

Os principais entraves dessa 3ª Conferência – como já noticiado – foram mesmo os problemas envolvendo o Oriente Médio, em particular os conflitos bélicos entre israelitas e palestinos. “Os países islâmicos queriam que fosse incluída no texto aprovado uma condenação ao Estado de Israel, considerado por eles racista e genocida”, afirma Edna. Essa polêmica levou os EUA e Israel a se retirarem da Conferência, fato que pode ter precipitado os ataques terroristas de 11 de setembro. “Os conflitos que explodiram naquele dia estavam latentes na Conferência. Mas é óbvio que esses acontecimentos (os ataques terroristas) foram planejados muitos meses, quiçá anos, antes de sua ocorrência. Mas, quando os EUA abandonam a mesa de negociação, juntamente com Israel, isso pode ter sido percebido pelos grupos que planejavam o ataque como um sinal importante: a criação de um momento favorável para desencadeá-lo”, ela analisa.

Ainda nesse campo das questões árabes X israelenses, as negociações avançaram e, apesar de tensas, chegaram a conclusões importantes. Uma delas, de ordem

semântica, tratou do uso do termo Holocausto e consagrou que continuará a ser grafado apenas no singular e com letra maiúscula, referindo-se “especificamente ao Holocausto sofrido pelos judeus durante a 2ª Guerra Mundial”, explica Edna. Isso porque os povos árabes defendiam a ampliação do uso, de forma que a palavra pudesse ser grafada em letra minúscula e no plural (como um sinônimo para genocídio). Nesse ponto, ganharam os judeus. Em contrapartida, o documento final condena em outros parágrafos o anti-semitismo e a islamofobia: “Equipararam-se os sentimentos racistas; o direito de existência do Estado de Israel foi reconhecido, mas se reconheceu o mesmo direito ao Estado palestino”, ela continua.

Mas a despeito de todas as querelas e malogros, a Conferência teve saldos positivos para somar. O mais importante, na visão da psicóloga, foi o reconhecimento “como vítimas de discriminação e intolerância” de uma série de grupos sociais: africanos, afro-descendentes, ciganos, povos indígenas e pessoas de descendência asiática. “Esse é um parágrafo que considero extremamente importante. Primeiro porque condena a escravidão e o tráfico de escravos enquanto um crime contra a humanidade, estabelecendo uma relação entre a escravidão e o racismo. Reconhece também que o racismo que hoje determinados grupos humanos sofrem é resultado dessas experiências históricas”, avalia Edna. Outra manifestação importante refere-se às ações afirmativas, políticas específicas de atuação e investimentos a serem feitos para redução das profundas desigualdades entre povos negros e brancos. Por exemplo, a criação de vagas específicas em universidades ou no mercado de trabalho. “Há uma recomendação explícita para que os Estados concentrem recursos nas comunidades de afro-descendentes. Com relação ao Brasil, é urgente que ações afirmativas sejam constituídas



A psicóloga Edna Roland.

## Militância contra a intolerância

*A maranhense Edna Roland milita no movimento negro desde os anos 1980. Ajudou a fundar ONGs como Coletivos de Mulheres Negras de SP e Geledés, presidindo atualmente a organização Fala, Preta! Durante o regime militar, atuou no grupo marxista Polop, Política Operária, em MG, e viveu cinco anos na clandestinidade. Para ela, racismo e discriminação são temas históricos na Psicologia Social, ciência que pode ser um instrumento fundamental de promoção de igualdade e cidadania.*

para combater as desigualdades sociais existentes hoje. É preciso que todos os setores da sociedade apoiem decisivamente esse conceito e que os governantes assumam as recomendações de Durban. A universidade pública deveria estar à frente, dando o exemplo, mas lamentavelmente o que vemos é o MEC como baluarte da resistência às idéias de ações afirmativas”, alerta a relatora.

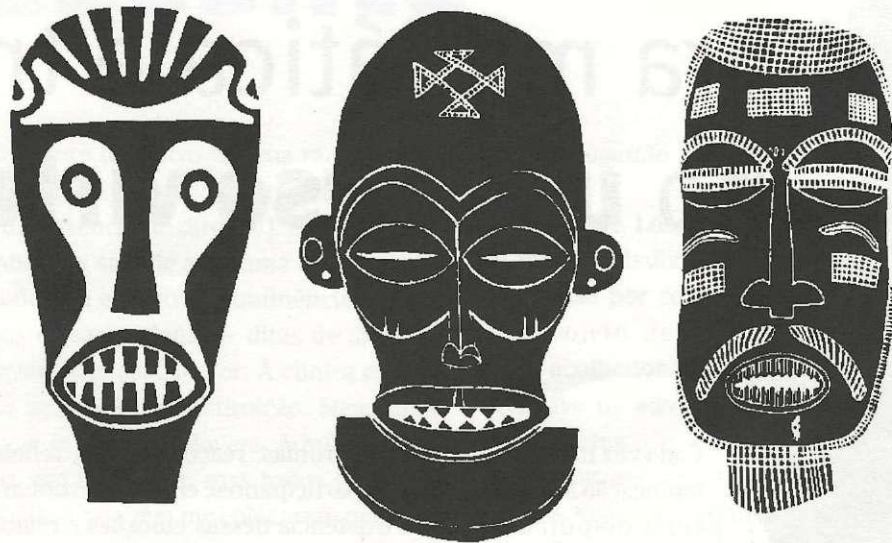
No que diz respeito a reparações a regimes de escravidão, tráfico de escravos e colonialismo, as controvérsias foram enormes, pois implicariam “compromissos financeiros para os países que se beneficia-

الحي القيوم لنا خلد ولا نو

ram da escravidão e do tráfico de escravos, principalmente a União Européia”, afirma a relatora. O máximo que se conseguiu negociar foi a inclusão, no texto final, de uma “sugestão” de reparação (veja ao lado). “A vitória não foi total e retumbante, mas acredito que nos permitiu no mínimo uma vitória moral e ética”, ela ressalta. No item sobre a “discriminação agravada”, ou seja, quando uma pessoa é vítima de múltipla discriminação por um conjunto de fatores combinados - racismo, gênero e orientação sexual, por exemplo -, os embates com alas mais conservadoras também foi duro. Afinal, o documento “reconheceu que a combinação da discriminação de gênero com a discriminação racial produz realidades diferentes para homens e mulheres. Fez-se, portanto, uma recomendação para que todos os programas de combate ao racismo tenham uma perspectiva de gênero”, comenta Edna.

A maior derrota dos progressistas na Conferência foi mesmo no quesito “orientação sexual” (homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, transexualidade etc.). A delegação brasileira foi das mais contundentes na defesa da inclusão da “orientação sexual” nesse contexto da discriminação agravada, mas “infelizmente não conseguimos que fosse reconhecida. Ficamos sem essa menção por conta da oposição do bloco dos países islâmicos e, particularmente, do Vaticano”, ela enfatiza.

## Trechos dos documentos:



“Reconhecemos que a escravidão e o tráfico de escravos, incluindo o tráfico transatlântico de escravos, formam horríveis tragédias na história da humanidade (...) Estão entre as maiores fontes e manifestações de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata de que africanos, afro-descendentes, asiáticos e pessoas de descendência asiática e povos indígenas foram vítimas e continuam a ser vítimas das suas conseqüências.” (Declaração de Princípios)

“Reconhecemos e profundamente lamentamos o indizível sofrimento e males infringidos em milhões de homens, mulhe-

res e crianças como resultado da escravidão, de tráfico de escravos, do tráfico transatlântico de escravos, do apartheid, do genocídio e de tragédias passadas.” (Declaração de Princípios)

“Solicita-se aos Estados apoiados pela cooperação internacional, se apropriado, a considerar positivamente concentrar investimentos não só no sistema de saúde, educação, eletricidade, água potável e no controle ambiental, como também em iniciativas de ações afirmativas ou positivas em comunidades primariamente de afro-descendentes.” (Programa de Ação)



### Clínica de Psicanálise Roberto Azevedo

**RA** Grupo de Psicanalistas coordenados pelo dr. Roberto Azevedo

**Proposta:** Ensino, difusão e aplicação da Psicanálise

**Base:** Freud, Klein, Bion e Winnicott

Formação em Psicopatologia e Psicoterapia Psicanalítica

**Destina-se:** médicos e psicólogos

**Objetivo:** propiciar a formação e o exercício da Psicanálise

**Início:** 7 de março, às 17h30 **Duração:** 4 anos

**Local:** Rua Grécia, 473, Jd. Europa, São Paulo

**Maiores informações pelos telefones:** 3081-9366 / 3088-5317

Inscrições a partir de dezembro de 2001

## Pós-graduação Especialização: Arte Integrativa



**Rompendo fronteiras:** O curso de Pós-graduação em Arte Integrativa tem por objetivo aprofundar conhecimentos teóricos e práticos, mostrando como a atividade artística é central em processos de mudança. Atualmente a arte vem rompendo fronteiras e integrando áreas diversas, como a Psicologia, a física e a antropologia, sendo aplicada nos campos da saúde, do social, da educação etc.

**Equipe de professores:** Ana Angélica Albano – Doutora em Psicologia da Arte pela USP, Elvira Maria Leme – Mestre em Psicologia Escolar pela USP, Maria Lucia Bueno – Doutora em Sociologia da Arte pela UNICAMP e pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), Maria Noemi de Araújo – Psicanalista e Mestre em Educação pela PUC e Sorbonne, Paulo Machado – Mestre em Ciências Sociais (USP), Psiquiatra e Psicoterapeuta, Roberto Cirani – Psicoterapeuta junguiano e Artista Plástico **Disciplinas:** Aspectos filosóficos para o entendimento da experiência humana, Psicologia da Arte: fundamentos filosóficos, Uma pesquisa sobre o imaginário brasileiro – Existe uma ‘psique brasileira’, Pedagogia da Arte, Ateliê de Artes Plásticas, Ateliê de corpo e voz, Orientação

**Aulas aos sábados:** Manhã, das 08:00h às 12:30h, e Tarde, das 13:30h às 18:00h

**Centro de pesquisa e pós-graduação:** Rua Quatá, 56 – Vila Olímpia, CEP 04546-040, São Paulo, SP Tel. (11) 3847 3053, (11) 3847 3114, (11) 3847 3118 | E-mail: ceu@anhembibr.br, gtpg@anhembibr.br

### INSTITUTO DE TERAPIA COGNITIVA



## Especialização em Terapia Cognitiva

500 horas

- Início: Março 2002. Duração: 24 meses
- Mensal: encontros sexta e sábado
- Coordenadora: Ana Maria Serra, PhD
- Corpo Docente de alto nível: 7 Doutores
- Programa abrangente: TC e áreas afins
- Supervisão Clínica (opção de supervisão quinzenal)

**Local:** ITC São Paulo  
R. Machado Bittencourt, 205 (Est. Sta. Cruz)  
**Inscrição e Seleção:**  
(11) 5084.1380 / (19) 3255.4330  
**Maiores informações:**  
[www.itc.web.com](http://www.itc.web.com) / [itc@itc.web.com](mailto:itc@itc.web.com)

### Curso de formação e reciclagem em Psiquiatria e Psicoterapia de crianças e adolescentes

**Duração:** 2 anos, 10 hs/ semanais  
**Início:** fevereiro 2002 (Referencial Psicanalítico)  
**Promoção:** Instituto de Psiquiatria e Psicoterapia da Infância e Adolescência – IPPIA S/C Ltda. - Credenciado pelo Depto. de Psicoterapia da Associação Brasileira de Psiquiatria  
**Direção:** dra. Amélia Thereza de Moura Vasconcellos – Psiquiatra e Psicanalista  
**Informações / entrevistas / seleção:** Al. Santos, 2.384 sl. 1, tels. (11) 3082-0180/ 3081-0978

### Curso de Formação para Psicoterapeutas

#### Orientação Junguiana

Oferecido pela Opus Psicologia e Educação (CRP 06 - PJ 1430-7)

**Direção:** Alberto Pereira Lima Filho

**Início do curso:** março de 2002

**Inscrições:** de out. de 2001 a jan. de 2002

**Seleção:** fevereiro de 2002

Informações detalhadas podem ser obtidas e inscrições podem ser feitas por meio do [site www.opuspsicologia.com.br](http://sitewww.opuspsicologia.com.br), ou pelo telefone (11) 5539-0574



# Cultura midiática e transferência no universo virtual

Cada vez mais a Comunicação Mediada pelo Computador, CMC, aproxima-se do formato televisivo. O Grupo de Trabalho sobre Atendimento Mediado pelo Computador, GT ATMC, deste Conselho, tem questionado o fato de isso tornar a interação CMC cada vez mais incluída na cultura midiática, com todos os seus problemas, acentuando ainda mais o caráter consumista e massificado das interações. Não será um ambiente desse tipo, "invadido" pelo mercado, pouco propício a relações humanas mais profundas, incluindo a relação psicanalítica? Veja algumas reflexões sobre o tema desenhadas por pessoas que têm mantido interlocução com o GT ATMC.

A psicóloga Suzana Neves (suzana.neves@infolink.com.br) considera que "esta pergunta é mais uma que se soma à inquietação perante o lugar da Psicanálise no contexto atual. Como se insere a Psicanálise num momento neoliberal, de grandes avanços tecnológicos, em que a singularidade fica cada vez mais diluída, diante de tantas ofertas e da ilusão de que se pode ter tudo, inclusive a cura para todos os males? Não são questões específicas da terapia *on-line*, mas é bom que por meio delas a gente possa também repensar os impactos na clínica, revendo conceitos, métodos e procedimentos". Ela conclui dizendo que considera que este é um momento importante de reflexão teórica e que o futuro da psicanálise depende mais do que nunca da capacidade do indivíduo de transformar e transformar-se, e do potencial de criatividade dos psicanalistas: "O desafio é como não fazer concessões ao mundo imediatista e se manter contemporâneo."

Outro tema que se destacou ultimamente foi o da existência de "transferência" na interação *online*, como em listas de discussão. A psicóloga Marta Rolim (martarolim@bol.com.br) salientou que existem emoções envolvidas nas trocas de e-mails, com a formação de amizades, an-

tipatias, ironias, reações iradas, rebeldes etc. Os participantes, então, questionaram se a existência dessas emoções e relações virtuais (mas tão reais) mostrariam a possibilidade de se instalar uma transferência em sentido psicanalítico e se a transferência no ambiente virtual seria suficientemente manejável para subsidiar um trabalho psicoterapêutico mediado pelo computador. Ao mesmo tempo, houve reflexões sobre o que seria "transferência" em relação aos artefatos que são os computadores, que podem ser dotados de características humanas.

Régis Antônio Coimbra (rcoimbra@portoweb.com.br) acredita que a transferência na interação mediada pelo computador possa ser manejada, embora com menos controle. Tendo passado por uma experiência de troca de e-mails que considerou psicoterapêutica, diz que "o fato de por e-mail permitir que se escreva sem maiores interrupções - ao menos num caso como o meu, de alguém que gosta de escrever bastante e sem maiores pudores -, a não - interrupção permite que as obsessões se expressem mesmo que o escrevente se comunique com um interlocutor pouco interessado, ou mesmo com um 'telepsicanalista' ou algo assim pouco receptivo ou paciente. O (meu) truque para aproveitar isso é enviar antes de reler, mas reler depois de enviar. Ouvir o que se falou ou ler o que se escreveu é uma experiência muito interessante (ao menos para mim)... Nesse sentido, aliás, um profissional como um psicanalista ou um psicoterapeuta psicanalítico parece-me importante mais por conseguir motivar alguém a escrever ou falar e se ler ou ouvir do que por acertadas ou geniais interpretações ou 'manejos' que esse possa fazer".

O psicólogo Paulo Gomes (phoenix@zaz.com.br) analisa por outro ângulo. Entende a transferência como a tendência de recriar, nas nossas relações atuais, padrões de pensamento, sentimentos e comportamentos que se formaram bem cedo em nossa vida. "Sabemos que esses modelos afetam nossas escolhas e como selecionamos experiências em nossas vidas, inclusive quando atribuímos características humanas a objetos **não-humanos**. E penso que computadores podem ser um ótimo alvo de transferência por serem per-

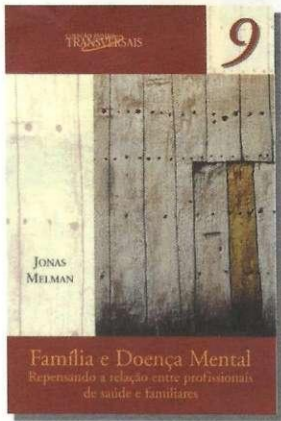
cebidos como um pouco humanos. São máquinas complexas que quase parecem **pensar** como humanos."

Segundo sua análise, eventualmente poderíamos associar os estilos com que as pessoas lidam com seus computadores a experiências fundamentais com um dos pais, instaladas na infância. Admitindo que se trata de um exercício de imaginação, Paulo Gomes sugere cenários possíveis: "Suponha que você teve uma mãe que estabelecia demasiadas regras sobre como uma criança deveria se comportar, mas as regras sempre pareciam estar mudando. E mesmo que você tentasse obedecer a sua mãe, nunca tinha muito sucesso e nunca conseguia satisfazê-la. Como resultado, você se sente frustrado, pois sempre parecia falhar aos olhos de sua mãe. Como adulto você experiencia seu computador da mesma forma. Ele lhe intimida, você nunca está muito certo de como agradá-lo. Sempre que você tenta fazer algo, o computador manda uma mensagem de erro. Não responde. Você se sente frustrado, exatamente como se sentiu com sua mãe. Digamos que você teve um pai frágil e não muito competente. Você o amou muito e tomou conta dele, foi muito atenciosa com suas necessidades. Até mesmo se sacrificou para atendê-lo. Como adulta, você percebe seu computador como algo frágil e vulnerável. É cheia de cuidados em usá-lo para não causar nenhum dano. Sempre roda o antivírus. Parece até que você é superprotetora com relação ao seu computador."

## Elisa Sayeg

coordenadora do GT ATMC do CRP SP,  
gtatmc@crpsp.org.br

Para inscrever-se na lista e participar desse debate, envie um e-mail em branco para: [atmc-debate-subscribe@yahoogroups.com](mailto:atmc-debate-subscribe@yahoogroups.com). A inscrição é automática e a discussão é coordenada pelo GT ATMC (GT de Psicologia e Informática do CRP SP).



# Três críticas ao livro de Jonas Melman

## Família e Doença Mental

Jonas Melman, Editora Escrituras,  
Coleção Ensaios Transversais,  
160 págs., R\$ 13,00; tel. 5082 4190.

A primeira e principal crítica é ao título: o livro de Jonas Melman não é um livro sobre doença, mas sobre saúde mental. Mais precisamente, sobre produção de saúde mental. Escrito na forma de duas narrativas paralelas, de saída Jonas dá a palavra aos familiares e a seu sofrimento. Essa preocupação atravessa o livro todo; permanentemente, o autor busca colocar-se ao lado do interlocutor, isto é, dos familiares de pessoas com grave sofrimento psíquico.

Em paralelo, "Doença Mental e Família" apresenta um panorama das principais escolas de psicoterapia familiar: psicodrama, psicanálise, antipsiquiatria, sistêmicos... Melman introduz a questão demarcando o caráter histórico da instituição família, com o claro intuito de desnaturalizar o problema. Para isso, vale-se de Philippe Ariès. Quem trabalha com famílias sabe que elas devem ser pensadas como "uma história social". As famílias da periferia de São Paulo, por exemplo, pouco têm a ver com as famílias nucleares que muitos de nós conhecemos por experiência própria. É, ao mesmo tempo, um aviso e uma lembrança aos trabalhadores de saúde mental: estão operando numa instituição mutante.

Essa panorâmica é, antes que uma ta-

xonomia das teorias e técnicas de psicoterapia dos grupos familiares, uma convocatória crítica de grande valor para a atualidade. O campo da reabilitação psicossocial se desloca do território do hospício e do hospital para o da família e da comunidade. Os chamados serviços substitutivos são obrigados a trabalhar com famílias e poucas são as produções escritas e as reflexões sobre essas práticas. Jonas lembra que, na psiquiatria moral, a família entra como "culpada" e mostra como - de outras maneiras - continua se culpabilizando a família de diferentes formas, sempre supostamente científica. Ele se apoia em Saraceno para radicalizar seu posicionamento, ao lado dos familiares. As teorias psicoterápicas culpabilizam as famílias dos doentes mentais para se desresponsabilizar pelo cuidado dessas pessoas.

Tanto Melman como Saraceno enfocam o cerne da batalha da reabilitação psicossocial. A culpabilização das famílias, fundamentada cientificamente, e o profissionalismo ou "profissionalismo" são umas das causas fundamentais da derrota da reforma psiquiátrica. Mas vai aqui a segunda crítica: houve uma certa desconsideração de Pichón Rivière; o conceito de família como grupo operativo é uma idéia antecessora ao protagonismo que Jonas vai propor no belo final do livro. Também acredito que haja uma leitura acrítica da teoria dos sistemas e seu (como diria Guattari<sup>1</sup>) "reino da permutabilidade generalizada". Incluir alguém implica agenciamentos microssociais, mas também a família, como a psique ou a infância, está em co-

nexão com questões sociais mais amplas.

Adentrando-se na última parte do livro, o leitor poderá apreciar seu melhor momento. As teorias buscam extremar suas potencialidades e brindam uma generosidade nunca vista em 300 anos de psiquiatria. Nesse final, ecoam a autonomia dos institucionalistas, a transversalidade guattariana e a força da psiquiatria democrática. É um momento brilhante: os familiares vão se transformando em protagonistas e os terapeutas, perdendo o medo de perder seus tacanhos espaços.

O livro é também uma contribuição oportuna aos profissionais que estão trabalhando do Programa de Saúde da Família, PSF. A Prefeitura está realizando uma silenciosa revolução sanitária que busca cobrir 70% da população de São Paulo, com o PSF. O combate ao pessimismo, a aventura terapêutica, a multiplicidade e estética coletiva são maneiras concretas de praticar a cidadania. Quando se chega ao final do livro, percebe-se que é possível mudar e ver florescer a participação em protagonismo. Eis aqui a terceira e última crítica: disso nós leitores queremos mais.

## Antonio Lancetti

psicólogo, coordenador de Saúde Mental do Projeto Qualis/Programa de Saúde da Família da Fundação Zerbini

<sup>1</sup> Guattari Felix, "A propósito da terapia familiar", in Barembliitt Gregório F., "Gupos Teoria e Técnica", Graal, Ibrapsi, Rio de Janeiro, 1982.

## Estante

### Humanização das Relações Assistenciais:

#### A Formação do Profissional de Saúde

Maria Cezira Fantini Nogueira Martins. A formação do profissional de Saúde, enfatizando a importância da dimensão psicológica no ensino e na prática assistencial. Os cuidados em relação ao ambiente de aprendizagem e propostas para humanizar a formação profissional. R\$ 15,00, Casa do Psicólogo (11) 3062.4633, casapsi@uol.com.br

### Alfabetização e Letramento - Contribuições para as Práticas Pedagógicas

Organização Sérgio A. da Silva Leite. Em 12 capítulos são analisadas questões como novas propostas sobre alfabetização, o conceito de letramento, a alfabetização crítica, a constituição do leitor, a questão do erro, o papel da afetividade no processo, além de aspectos institucionais relacionados às condições de atuação e desenvolvimento profissional dos docentes. 408 págs., R\$ 37,00, Ed. Arte Escrita/Komedi (19) 3405.8271, artescrita@globo.com

### Dependência de Drogas

Sérgio Dario Seibel e Alfredo Toscano Jr. Histórico do uso de drogas, classificação geral e toxicologia de substâncias psicoativas, doenças relacionadas ao uso das drogas, métodos diagnósticos, prevenção em escolas e empresas, aspectos éticos e jurídicos na abordagem do usuário e redução de danos. 600 páginas, R\$ 127,00, Editora Ateneu (11) 222-4199, ateneu-sp@ateneu.com.br

### O Homem além do Homem

Maria Beatriz Breves Ramos. Neste livro a autora procura dar uma explicação, no campo científico, para a telepatia e a espiritualidade, desafiando o preconceito e ampliando o conceito de inconsciente, mais do que é admitido pela Psicanálise. Em "O Homem além do Homem", a autora realiza um "passeio" desde a Pré-História até o desenvolvimento da humanidade, aprofundando a concepção do "sentir humano". 92 págs., R\$ 19,00, Ed. Mauad (21) 533-7422, mauad@mauad.com.br

### O Atleta e o Mito do Herói

O Imaginário Esportivo Contemporâneo, de Katia Rubio. O objetivo desse livro é compreender o imaginário esportivo relacionando-o ao trajeto heróico de Campbell, a partir de mitemas que constelam esse universo na atualidade, em diferentes níveis de colocação na carreira, em diferentes locais e momentos cronológicos, que os levam a ser identificados como tal. 225 págs., R\$ 27,00. Casa do Psicólogo (11) 3062.4633, casapsi@uol.com.br

### A Constituição do Inconsciente em Práticas Clínicas na França do Século XIX

Sidnei José Cazeto. Como as práticas do magnetismo e do hipnotismo na França ajudaram a configurar experiências de divisão de consciência e da personalidade. E como, ao final do século, chegou-se à noção de "consciência segunda" como um estado inconsciente, resultado de certa patologia da memória ou de distúrbio neurológico. R\$ 35,00, Ed. Escuta (11) 3672-8345, pulsional@uol.com.br

**Abordagem Junguiana:  
leitura da realidade e  
metodologia de trabalho**

---

**A Educação Inclusiva na  
Deficiência Mental**

---

**Comunicação Suplementar  
e Alternativa**

---

**Distúrbios da Comunicação**

---

**Enfermagem Obstétrica**

---

**Psicanálise e Linguagem:  
uma outra psicopatologia**

---

**Psicodrama -  
Curso de Formação**

---

**Psicologia Clínica -  
Teoria Psicanalítica**

---

**Psicologia e Saúde:  
Psicologia Hospitalar**

---

**Psicopedagogia**

---

**Terapia Familiar e  
de Casal**



**INFORMAÇÕES**

**(0XX11) 3873 3155**

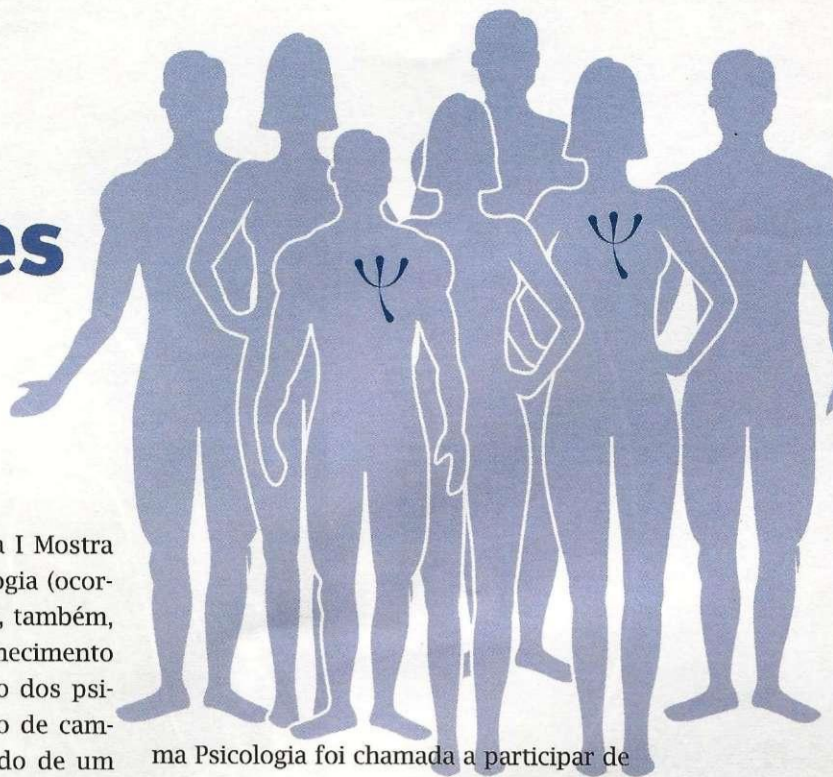
**<http://cogeae.pucsp.br>  
Rua João Ramalho, 182 - Perdizes**



**ESPECIALIZAÇÃO PUC/SP 2002**

Carolina S. Venturi

# A inserção em equipes multiprofissionais



Os psicólogos têm trabalhado nas mais diversas áreas institucionais, desde há muito, e isso os tem colocado diante de situações complexas - em particular quando integram equipes multiprofissionais. O reconhecimento do trabalho psicológico e de suas especificidades por parte de profissionais de outras áreas de conhecimento tem sido uma preocupação recorrente em muitas das consultas recebidas pelo Centro de Orientação do CRP SP. As preocupações referem-se, em geral, ao modo como os psicólogos podem inserir as especificidades de seu trabalho (por exemplo, o que e como se escreve o prontuário único de um paciente), de forma a não incorrer em uma falta ética, como a quebra de sigilo, dentre outras.

Outras preocupações se fundamentam em sérios problemas de entendimento da função do psicólogo nos trabalhos realizados em equipes multiprofissionais, assim como muitas vezes existem "resistências" dos próprios psicólogos em participar dessas equipes, mesmo quando as instituições onde prestam serviços assim definem o modo de trabalho. Em parte, podemos entender tal situação como consequência de um aumento da inserção do profissional de Psicologia em espaços de trabalho nos quais antes não era reconhe-

cido - tal como nos mostrou a I Mostra Nacional de Práticas em Psicologia (ocorrida em outubro de 2000). Mas, também, podemos entender que o reconhecimento das especificidades do trabalho dos psicólogos depende da construção de campos e ações comuns (no sentido de um conjunto comum) entre os diversos profissionais.

A especificidade de um campo de conhecimento e/ou de uma área de atuação profissional não está ameaçada por outras áreas e/ou campos (como registra a própria história do conhecimento humano). Ao contrário, é da ação associada que nascem as respostas aos desafios colocados cotidianamente pelo mundo atual. A violência urbana nos tempos atuais é exemplo de um desafio que não pode ser respondido unicamente pela Psicologia. Sua complexidade remete-nos à necessidade de dialogar com as mais diversas áreas de conhecimento, em busca da construção de um entendimento e de ações comuns para o enfrentamento dessa problemática.

Entendemos, portanto, que a Psicologia, enquanto ciência e profissão, desenvolveu, e continua desenvolvendo formas específicas de compreensão do fenômeno humano ('o psicológico'), que se pôs a estudar desde seus primórdios. Contudo, essa mes-

ma Psicologia foi chamada a participar de trabalhos com outros profissionais e ela precisa, guardando a sua especificidade de conhecimento e o seu Código de Ética Profissional, contribuir para o fortalecimento desse modo de aprofundar o conhecimento atuando profissionalmente no que podemos denominar equipes, mas também comunidades.

É verdade quem nem tudo são flores e podem existir incongruências e intransigências. O modo atual de conhecer e de agir no mundo de hoje nos demanda uma atitude menos de "donos da verdade" e mais de "compartilhadores de realidades" que, além de diversas, têm muitos significados que advêm dos profissionais, dos usuários, dos familiares, das políticas públicas, dos objetivos institucionais, entre outros. As dificuldades existem e precisam ser superadas. Entendemos que essa superação somente ocorre por meio de decisões comunitárias, em que todos possam ser valorizados como integrantes de um mesmo caminho, com uma mesma finalidade. ●

## Agenda

### Janeiro

- [12] **Palestra "Terapia Cognitiva nas Organizações"**  
Realização do ITC - Instituto de Terapia Cognitiva  
Horário: das 10:00 às 12:00 horas  
Local: Rua Machado Bittencourt, 205 Cj. 47, Vila Mariana, São Paulo  
Informações: Tel./fax: (11) 5080.3597/5084.1380  
e-mail: itc@itc.web.com  
homepage: www.itc.web.com

### Abril

- [02] **I Jornada Transdisciplinar de Adolescência**  
Tema: Verdades e Mitos, Uma Visão Transdisciplinar. Realização: Assoc. Catarinense de Adolescência.  
Local: Blumenau, SC. Informações: (47) 322 0566, (49) 246 2283

- [11 a 14] **I Encontro da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, SPAGESP/I Encontro de Saúde Mental de Ribeirão Preto e Região**  
Tema Central: Compreendendo e Trabalhando em Saúde Mental. Local: Hotel Taiwan, Ribeirão Preto, SP  
Informações: (16) 618-7119  
e-mail: spagesp@spagesp.com.br  
site: www.spagesp.com.br

### Mai

- [29 a 01/06] **XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama**  
Tema: Raízes, transformações, perspectivas. Local: Sofitel Costa do Saúpe, Bahia  
Informações: tel. (71) 331-9666, fax: (71) 247-4351;  
e-mail: st-eventos@terra.com.br  
site: www.febrap.org.br/news/68.html

- [30 e 31] **III Congresso Brasileiro/VII Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais**  
Local: Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal, Av. Prof. Omar Sabbag, 628, Jd. Botânico, Curitiba, PR  
Informações: (41) 263-4895;  
e-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br

### Outubro

- [11 a 15] **XI Congresso Latinoamericano de Sexologia y Educación Sexual, XI CLASES**  
Informações: e-mail: rubenhernandez@compuserve.com  
Local: Margarita, Venezuela